

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JAQUELINE DA SILVA

**HÉCATE, DO CULTO ÀS REPRESENTAÇÕES:
*THEOGONIA, HINO HOMÉRICO A DEMÉTER E
HINO ÓRFICO À SENHORA TRÍVIA***

MONOGRAFIA

GOIÂNIA,
2021

JAQUELINE DA SILVA

**HÉCATE, DO CULTO ÀS REPRESENTAÇÕES:
*THEOGONIA, HINO HOMÉRICO A DEMÉTER E
HINO ÓRFICO À SENHORA TRÍVIA***

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação de Pesquisa do Curso de Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Professora Licenciada em História / **Historiadora** conforme a Lei 14.038 de 2020.

Orientador: Prof. Me. Ivan Vieira Neto

GOIÂNIA,
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

SJ36h Silva, Jaqueline da
 Hécate, do culto às representações: *Theogonia, Hino homérico a Deméter e Hino órfico à Senhora Trívia* / Jaqueline da Silva. – 2021.
 77 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Curso de Licenciatura em História, Goiânia, 2021.

Orientação: Prof. Me. Ivan Vieira Neto.

1. Hécate. 2. Mitologia. 3. Representações. I. Título.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA E MONITORIA

Monografia nº 002/2021

Semestre 2021-1

Autora: **Jaqueline da Silva**

Título: **Hécate, do culto às representações: *Theogonia*, Hino Homérico a Deméter e Hino Órfico à Senhora Trívia**

TERMO DE APROVAÇÃO DE TRABALHO MONOGRÁFICO

A discente **Jaqueline da Silva** apresentou a monografia **Hécate, do culto às representações: *Theogonia*, Hino Homérico a Deméter e Hino Órfico à Senhora Trívia** às 19h00 do dia 28 de Maio de 2021, na **XIII Semana Científica de História**, que se realizou entre os dias 25 e 28 de Maio. A banca de defesa foi presidida pelo Prof. Me. Ivan Vieira Neto (orientador) e integrada pelas avaliadoras Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva e Profa. Dra. Luana Neres de Sousa (SME).

Após a apresentação, a discente foi arguida pelos docentes nomeados acima e seu trabalho monográfico de conclusão de curso, requisito parcial para a obtenção do título de Professora Licenciada em História, considerado **aprovado** com conceito **A**.

Goiânia, 30 de Junho de 2021.

Profa. Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto

Coordenação de Pesquisa e Monitoria do Curso de História

Dedicado a todos os profissionais da saúde e educação que estão lutando na linha de frente contra o antigoverno da “Era Covidiana”.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Jaqueline da Silva, tanto pela perseverança, quanto pela força e coragem de sair de uma vida e entrar em outra completamente diferente para alcançar um objetivo, tendo que aguentar firme todas as situações e adversidades que apareceram pelo caminho. Eu não sabia o quão forte eu era até precisar ser.

Gradeço também a minha mãe Selma Maria da Silva e meu orientador Ivan Vieira Neto que foram os maiores incentivadores para a conclusão desse trabalho. Sempre que eu queria desistir eles me mostravam que eu poderia ir além, insistiam e não desistiram de mim.

Agradeço também aos amigos que estiveram ao meu lado na jornada de conhecimento, ansiedade e satisfação. Em especial a Ana Lina Rodrigues de Carvalho e Luan Macedo. Sem vocês ao meu lado eu jamais teria conseguido. Não posso esquecer inclusive dos meus primeiros mentores quando entrei na universidade Joseph Dias Oliveira, Raul Neto e Lucas Fernandes de Souza. Obrigada por sempre me ouvirem, estarem ao meu lado, e não terem me abandonado nos momentos mais difíceis.

Além da minha mãe, duas figuras maternas de extrema importância para manterem meus pés no chão foram Admilde Maria de Oliveira Silva, minha avó e Sonia Maria Silva minha tia que sempre estavam ao meu lado mesmo estando longe.

A conclusão desta Licenciatura só se tornou possível graças às bolsas de estudos que eu consegui ao longo de minha jornada que são as bolsas do PROUNI e OVG que ajudaram na minha mensalidade e me permitiram continuar realizando meus objetivos um por um.

Um agradecimento especial ao meu grupo de estudos GEMUNA, grupo de estudos do mundo antigo que me permitiu adentrar nesse mundo místico de divindades e seres. Nada seria possível sem o grupo e seus integrantes.

Vocês, que me leem, estão ainda entre os vivos, mas eu, que escrevo, desde há muito ingressei no reino das sombras. Pois, em verdade, coisas estranhas acontecerão, e coisas secretas serão reveladas, e muitos séculos decorrerão antes de os homens terem conhecimento destas memórias. E, quando o tiverem, mostrarão uns descrença, outros dúvida; poucos hão de achar sobre que refletir nas palavras aqui traçadas com pena de ferro.

Edgar Allan Poe

RESUMO

Hécate, deusa tricéfala, viária e trívica, nos é apresentada em importantes obras vindas da antiguidade. Essas obras são a *Theogonia*, de Hesíodo, o *Hino Homérico à Deméter* atribuído a figura de Homero e o *Hinos Órficos I* intitulado *Hino a Hécate*, atribuído a figura de Orfeu. Nessas obras a mesma deusa é representada de maneiras diferentes, mesmo que possuam algumas semelhanças. Buscamos nesse trabalho monográfico entender a transformação que a imagem de Hécate passa entre os séculos VIII aEC ao I dEC, analisando os símbolos associados a deusa e suas aparições nos poemas.

Palavras-chave: Hécate, Trívica, Símbolo, Representação, Divindade Grega.

ABSTRACT

Hekate, a three-headed, road and trivia goddess, is presented to us in important works from antiquity. These works are *Theogony*, by *Hesiod*, the *Homeric Hymn to Demeter* attributed to the figure of *Homer* and the *Orphic Hymns I* entitled *Hymn to Hecate*, attributed to the figure of *Orpheus*. In these works the same goddess is represented in different ways, even though they have some similarities. In this monographic work, we seek to understand the transformation that the image of Hecate passes between the VIII aEC to the I dEC, analyzing the symbols associated with the goddess and her appearances in poems.

Palavras-chave: Hekate, Trivia, Symbol, Representation, Greek Deity.

LISTAS

•Imagem 1	14
-----------------	----

SUMÁRIO

Introdução	15
1 Construções históricas sobre o mito de Hécate	25
1.1 Introdução ao contexto	26
1.2 Apresentação à <i>Theogonia</i>	31
1.3 Hinos e cultos	42
2 Imagem, Cartografia e associações da deusa.	51
2.1 A representação nos Hinos	52
2.2 Cartografia Arqueologia das funções de Hécate	58
2.3 Culto de mistério e a iniciação	69
2.4 Hécate como Kourotrothos	71
Conclusão	76
Referências Bibliográficas	79



• Imagem 1: Agh! It's Hecate! Encontra-se no site:

<https://ferrebeekeeper.wordpress.com/2011/06/29/3094/> Acesso em 20/05/2021

INTRODUÇÃO

A imagem mais conhecida da deusa Hécate é a deusa tricéfala seguida por cães, portadora de tochas, adagas e chaves. Era invocada em encruzilhadas, associada à lua e às serpentes, protetora das feiticeiras e invocada em tabuinhas de impreciação. À deusa eram dedicadas estátuas portadoras de objetos simbólicos (as Ἑκαταῖα¹), colocadas em encruzilhadas em honra à deusa e em passagens com o intuito de impedir influências negativas de atravessarem.

Essa imagem muito comum nos séculos V e IV aEC não foi sempre a imagem da deusa. No período arcaico a deusa foi apresentada como benévola e poderosa com a capacidade de intervir em domínios pertencentes a outras divindades, como é o caso do *Hino a Hécate* presente na *Theogonia* de Hesíodo. Hécate ainda não se associava ao submundo e nem a símbolos de caráter negativo, representação que surgirá no . Nesta obra, posterior à narrativa hesiódica, a deusa não possui grandes poderes nem se mostra uma divindade tão acessível e benevolente. Conforme a poesia pseudo-homérica, a deusa aparece com forte relação ao submundo, graças às necessidades da nova rainha do Mundo dos Mortos². Adiante, nos *Hinos Órficos*, os vínculos da deusa ao submundo aparecem de forma explícita. A Hécate representada como divindade poderosa retorna e com ela encontramos atribuições que para a sociedade grega arcaica considerava negativas.

Neste trabalho pretendemos realizar uma apresentação da deusa Hécate oriunda do imaginário arcaico, anterior às associações com a magia e as feiticeiras.

Os estudiosos designaram Arcaica a Época em cujos umbrais Hesíodo viveu e compôs seus cantos. Na Grécia, os séculos VIII-VII aEC testemunharam a germinação ou transplante de instituições sociais e culturais cujo florescimento ulterior transmutaria revolucionariamente as condições, fundamentos e pontos de referência da existência humana: a pólis, o alfabeto e a moeda (TORRANO, 2017, p. 15).

¹ Hekataia eram as estátuas que possuíam três corpos e portavam símbolos que se relacionavam à deusa Hécate: serpentes, cães, tochas, adagas e chaves.

² Perséfone (Περσεφόνη), também chamada de Cora (Koré) é filha de Deméter (Δημήτηρ) e Zeus (Ζεύς), esposa do deus do submundo Aidoneus ou Hades (Ἅιδης ou Ἄδης). O *Hino Homérico á Deméter* trata de seu rapto, e de como Deméter lidou com a ausência da filha que passa a ser a soberana do Mundo dos Mortos. Perséfone era a deusa da primavera, da vegetação e do submundo.

De acordo com Jaa Torrano, Hesíodo viveu em uma sociedade agrícola e pastoril —a Grécia Arcaica, durante um período em que as instituições ainda se organizavam. De acordo com o autor, essa transição se deu com o nascimento da pólis, do alfabeto e da moeda. O termo “arcaico” tem sentido de anterioridade e antiguidade, etimologicamente envolvendo a ideia de arkhé, de um princípio inaugural, constitutivo e dirigente de toda a experiência da palavra poética (TORRANO, 2017, p. 15). À época os aedos representavam o ápice da tecnologia da comunicação (TORRANO, 2017, p. 15).

O poeta Hesíodo é o único autor verificável das nossas fontes históricas, sendo os *Hinos Homéricos* atribuições que tentavam imitar os versos hexamétricos da *Ilíada* e da *Odisseia*. Os *Hinos Órficos*, por sua vez, eram atribuídos ao mítico Orfeu, cantor e adivinho de origens trácias. Trabalharemos mais o poeta Hesíodo pois, dos aedos que trabalhamos, ele é o único que é visto como o autor de sua obra.

Nosso problema consiste em entender a transformação da imagem de Hécate no imaginário grego, sua ligação com os cultos de mistérios e com a condição feminina. Tanto o *Hino Homérico a Deméter* quanto os *Hinos Órficos* estão associados a cultos de mistérios. Walter Burkert nos apresenta que os mistérios existentes na antiguidade vêm do período tardio. De acordo com o autor os mistérios eram uma doutrina voltada à salvação, garantindo uma vida benéfica após a morte às pessoas que acreditavam se iniciavam nas doutrinas místicas e seguiam seus preceitos.

O primeiro estereótipo é o de que as religiões de mistério são “tardias”, típicas da antiguidade tardia, isto é, do período imperial ou, possivelmente, do período helenístico posterior, quando o brilho do espírito helênico vinha cedendo lugar ao irracional, como que apontando para a Idade das Trevas (...) as religiões de mistério são espirituais, e indicam uma alteração básica na postura religiosa, transcendendo a perspectiva realista e pragmática da postura pagã, em busca de uma espiritualidade mais elevada. Deste ponto de vista, as religiões de mistério são consideradas como religiões de salvação, *Erlösungsreligionen*, e, portanto, preparatórias ou paralelas ao surgimento do cristianismo. Sob um certo aspecto, isso faria do cristianismo apenas uma e na verdade a mais bem-sucedida dentre as religiões de mistério do Oriente. Ora, é verdade que alguns antigos escritores cristãos ficaram impressionados com certas semelhanças entre o culto cristão e os mistérios, e denunciaram-nos como contrafações diabólicas da única religião verdadeira (BURKERT, 1992, p. 14- 15).

Burkert faz uma pequena comparação entre a religião de mistérios e o cristianismo, pois ambas são voltadas à salvação e à proposta de uma existência benéfica após a morte. No entanto, o autor nos diz que o cristianismo se tornou bem popular e obteve sucesso em sua continuidade em detrimento dos outros cultos que existiram naquela temporalidade.

Buscamos trabalhar a construção da imagem de Hécate nas obras *Theogonia* de Hesíodo, poema escrito entre os séculos VIII e VII aEC; o *Hino Homérico à Deméter*, atribuído a Homero, foi redigido por volta do século VII aEC; por fim, os *Hinos Órficos*, destacando-se o *Hino Órfico a Hécate*, têm uma datação estimada entre os séculos VI a IV aEC. Nessas obras notamos que a figura de Hécate não permanece a mesma, pois cada narrativa representa a deusa de maneira distinta.

Temos como objetivo entender a razão dessas mudanças na imagem de Hécate. Ao longo desta pesquisa fizemos uma análise das representações da deusa nas três fontes e de como essas representações mudam dependendo da obra e do contexto. Hécate, apresentada por Hesíodo na *Theogonia*, difere bastante da deusa que nos é apresentada no *Hino Homérico à Deméter* e no *Hino Órfico a Hécate*.

Devemos perguntar: o que acontece no período arcaico para acarretar as mudanças nos atributos dessa deusa? Por que a deusa possui atributos diferentes em obras produzidas com pouco intervalo temporal? Seria possível uma ligação do poeta Hesíodo com um culto específico que justifique os domínios assegurados à deusa na *Theogonia*?

Hécate é uma deusa grega muito ligada aos cultos de mistérios, embora não tivesse uma narrativa própria associada aos seus ritos iniciáticos. A deusa é bem mais conhecida nas fontes por seus domínios ou *timái* do que por um mito particular.

A palavra *τιμαί* *timái*³ quer dizer honras, essas honras associadas a deuses e aos seus respectivos domínios, poderes e atribuições. Nesta pesquisa procuramos priorizar um quadro referencial feminino, valorizando a presença de mulheres nos espaços de produção acadêmica e dar visibilidade aos estudos do antigo feminino. Consideramos nesta seara a contribuição de autoras como fundamental e preferível, uma vez que estamos abordando uma deusa especificamente ligada ao feminino.

³ Timái são as honras ou domínios que são atribuídas aos deuses por Hesíodo. Na *Theogonia* de Hesíodo vemos uma distribuição de timái entre os deuses, cada divindade possui seu domínio próprio, conforme a distribuição estabelecida ora por Cronos, ora por Zeus.

Autoras brasileiras que atualmente desenvolvem pesquisa sobre a deusa Hécate são Thaís Rocha Carvalho, mestra em letras clássicas com dissertação intitulada *Perséfone e Hécate: A Representação das Deusas na Poesia Grega Arcaica*; Trícia Magalhães Carnevale, Doutoranda em História que desenvolve pesquisa sobre mito, religião e práticas mágicas na Grécia Antiga. A autora analisa a presença de Hécate entre os atenienses com a dissertação intitulada *Hécate, de deusa ctônica dos atenienses no período clássico a deusa da feitiçaria no imaginário social do Ocidente*. Joana Vieira Varela faz uma arqueologia da figura da deusa nas fontes, estátuas e dos símbolos atrelados a ela desenvolvendo o trabalho intitulado *Hécate: um estudo inicial*. E uma das pioneiras no cenário brasileiro quando falamos das representações materiais da deusa Hécate: a Profa. Dra. Haiganuch Sarian do Museu de Arqueologia e Etnografia da Universidade de São Paulo.

Também utilizamos autoras internacionais de grande relevância para o estudo de Hécate: Shelly M. Nixon e Janny Strauss Clay. Além de importantes obras para o estudo da deusa Hécate, essas autoras nos apresentam um novo olhar sobre a deusa, mostrando-se leituras obrigatórias no que se refere a este tema. Apesar da inevitável necessidade de nos referirmos a autores homens, esta pesquisa buscou priorizar a leitura e a divulgação da produção feminina. Ao tocarmos na temática do feminino, percebemos como imprescindível a ênfase nas contribuições de autoras mulheres.

A partir de uma bibliografia especializada que se dedica a Hécate conseguimos identificar que as atribuições dadas à deusa são *Propýlaia*⁴ (Προπύλαια), *Própolis*⁵ (Πρόπολος), *Phosphóros*⁶ (Φωσφόρος), *Kourotrophos*⁷ (Κουροτρόφος) e *Chthonía*⁸ (Χθονία). Essas atribuições são trabalhadas pela autora Trícia Magalhães Carnevale em sua dissertação de mestrado. A autora realizou um estudo completo sobre a deusa a partir do Período Clássico.

As descrições de Hécate nas fontes são breves, uma vez que, exceto pelo *Hino Órfico a Hécate*, a deusa não figura como personagem central dos relatos poéticos.

⁴ Guardiã apotropaica, a deusa protegia caminhos e passagens impedindo a passagem de influências negativas.

⁵ Condutora, assistente, guia e companheira, a deusa no *Hino Homérico à Deméter* recebe essa função para acompanhar Perséfone.

⁶ Porta tochas ou archote, e bastante associadas a deusa nas fontes, presente na primeira aparição da deusa no *Hino Homérico à Deméter*.

⁷ Nutriz de jovens e regente de nascimentos, a primeira menção de Hécate como Nutriz se encontra na *Theogonia*.

⁸ Ctônicos eram os deuses com dominions e acessos no submundo.

Desta forma, Hécate se apresenta como uma figura misteriosa, sobre a qual podemos notar características que não se repetem com frequência.

A deusa é apresentada pela primeira vez como divindade-nutriz (Κουροτρόφος) na *Theogonia* de Hesíodo (versos 450-451), sendo assim reconhecida por Zeus, quem lhe concedeu essa *timé*. Nutriz não seria uma deusa maternal, e sim uma deusa que assiste o jovem para que ele chegue a fase adulta.

O verso 440 do *Hino a Deméter* diz que Hécate, após a volta de Perséfone, tornou-se servidora e companheira da nova rainha do submundo. O Hino é voltado aos cultos de Mistérios que se realizavam na cidade de Elêusis, contando a história do rapto de Perséfone e do luto de Deméter com a ausência da filha. A deusa Hécate insere-se na narrativa quando Deméter se encontra desesperada pela ausência de Perséfone, a filha raptada por Aidoneu sob a aquiescência de Zeus.

O *Hino Órfico a Hécate* é composto por dez versos. No oitavo verso a deusa é referida como Nutriz (Κουροτρόφος). Sua datação não é exata, porém, alguns estudiosos estimam que o hino venha dos séculos VI a IV aEC. Existe uma continuidade dos hinos e talvez do próprio culto órfico, fazendo-se presente também na Roma Imperial, o que nos permite localizá-lo até o século I EC. Apesar dos hinos órficos não terem uma datação definida, o seu culto já existia no período Arcaico.

A *timáí* intermediária da deusa se dá tanto na posição do *Hino a Hécate*, contido na *Theogonia*, quanto em suas atribuições de domínios na obra. O Hino a Hécate se localiza por volta do centro da narrativa, onde a deusa é citada como tendo domínios e acessos nas três camadas do Cosmo. No *Hino homérico à Deméter* podemos ver essa intermediação entre Hécate e Hélio, quando Hécate leva a deusa da agricultura até o deus na esperança de que ele possa fornecer respostas sobre o paradeiro de sua filha. Nota-se que o papel intermediário da deusa acontece ao final do hino, quando ela passa a agir entre a terra e o mundo dos mortos. Hécate passa a acompanhar Perséfone em suas idas e vindas ao Hades.

No *Hino Homérico à Deméter* a mediação também era uma característica bastante atrelada à deusa em seu enredo. Essa intermediação seria em relação ao acesso da deusa a esses planos, como plano subterrâneo; o Hades ou submundo e o plano terreno; a terra morada dos vivos. A deusa, mesmo tendo a capacidade de acessar a camada celeste, não possui nenhuma passagem explicitando isso nas obras trabalhadas. Talvez a que se aproxime mais de um acesso ao Olimpo seja sua comunicação com o deus Hélio no Hino a Deméter.

Nos hinos órficos, o aspecto intermediário da deusa também é caracterizado tanto por seus domínios, que assim como na obra de Hesíodo estão nas três camadas do cosmo, como também em uma atribuição peculiar, pois nesta obra a deusa aparece associada aos cemitérios. Na obra a deusa também está ligada a fantasmas, algo que não ocorre nas outras obras trabalhadas. Estas atribuições mais místicas podem ser o que faz uma ligação da deusa com a magia. Pois de acordo com Johnston o que caracterizava a magia na antiguidade era a comunicação com os mortos (JOHNSTON, 2008, p. 14 *apud* CARVALHO, 2019, p. 18-19).

Nota-se a ligação de Hécate com as sepulturas neste hino, atribuição que poderia ser vista como negativa para os tardios. Maria Regina Cândido nos revela que a sepultura era o espaço sagrado dos mortos, lugar de intermédio, protegido pelos deuses e cultuado pelos homens. De acordo com a autora os seres que controlam esse espaço sagrado do universo subterrâneo são considerados ctônicos. Hécate seria uma divindade protetora dos mortos e cultuada pelos vivos (CÂNDIDO, 2016, p.1).

Notamos que ocorreram mudanças na imagem da Hécate de Hesíodo para a Hécate nos Hinos atribuídos a Orfeu, pretendemos analisar isso mais a fundo ao longo dos capítulos, inclusive uma possibilidade de o poeta Hesíodo ser ligado aos cultos da deusa, o que pode colaborar para uma explicação do porquê ele deixa tanto espaço de sua obra dedicada a ela.

Para chegarmos nesses objetivos e discutir nossas hipóteses recorreremos aos conceitos de mito, representação e imaginário.

Para trabalharmos o conceito de mito trataremos Joseph Campbell. De acordo com o mitologista em sua obra "*O Poder do Mito*" os mitos possuem quatro funções: a mística, a dimensão cosmogônica, a sociológica e a função pedagógica.

(...) O mito vem a ser uma chave para desvendar aquilo que os seres humanos têm em comum, que é a vocação para os mistérios, para o enigmático. É uma tendência inata humana voltar-se para os enigmas da vida, para o grande mistério da existência. Em resumo, os mitos tendem a fornecer significados para nossa existência (RODRIGUES & GROppo, 2012, p. 57).

Rodrigues e Groppo em sua pesquisa nos apresentam a definição de mito do autor Joseph Campbell. Para Campbell o mito não é uma invenção ou mentira, e sim uma predisposição inconsciente e nativa que nos liga uns aos outros.

Dominique Vieira Coelho dos Santos em seu artigo “*Acerca do conceito de representação*” nos apresenta o conceito de diversos autores sobre o tema como Carlo Ginzburg, Roger Chartier, Serge Moscovici e Denise Jodelet. Nesta pesquisa nos atentaremos ao conceito apresentado por Roger Chartier que diz:

Suas preocupações são, entre outras coisas, temas como: as atitudes perante a morte, os comportamentos religiosos, as crenças, as formas de sociabilidade, as relações de parentesco etc. Desta maneira, segundo Chartier, pode-se pensar uma história cultural que “tome por objetivo a compreensão das representações do mundo social, que o descrevem como pensam que ele é ou como gostariam que fosse” (Chartier, 1990: p.19). As representações do mundo social seriam determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam (SANTOS, 2011, p. 34).

O conceito de representação de acordo com Chartier varia de acordo com a conveniência de quem está representando, revelando bem mais sobre quem apresenta do que sobre a representação em si.

Ao trabalharmos o imaginário utilizamos o autor Gilbert Durand, proponente da ideia da morte como geradora no ser humano de uma imaginação em relação ao além. Essa imaginação gera a produção de símbolos, imagens, mitos e arquétipos. Esse conjunto de elementos simbólicos formaria o “imaginário”, cuja principal função seria levar o homem a um equilíbrio psicossocial diante da percepção da temporalidade e, conseqüentemente, da finitude (ANAZ ET ALII, 2014, p.6). Esses conceitos apresentados são trabalhados posteriormente e mais bem desenvolvidos.

Nosso interesse por mitologia surgiu no curso de graduação, após participações no Grupo de Estudos do Mundo Antigo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (GEMUNA/PUC Goiás). As leituras no grupo desenvolveram o interesse pelas divindades femininas na antiguidade, seu culto e a maneira como os autores antigos escreviam sobre elas.

No grupo passamos a nos interessar pelas divindades femininas, em especial a deusa Hécate. Toda a atmosfera misteriosa que envolve a deusa era, e ainda é, cativante aos meus olhos. O grupo possui uma biblioteca virtual as leituras fornecidas e as discussões que ele nos apresentou nos possibilitou iniciar uma pesquisa em relação a essa deusa.

Tivemos a oportunidade de contribuir com um capítulo para a coletânea intitulada “*Mitos, Deusas e Heróis, ensaios sobre antiguidade e medievo*”, desenvolvido nos anos 2018-2019, sob a organização do Prof. Ivan Vieira Neto e da Profa. Semíramis Corsi Silva.

Tivemos a oportunidade juntamente com as colegas, Ana Lina Rodrigues de Carvalho, Helinny L. Machado da Silva de contribuir com um capítulo intitulado “As Deusas e os Antigos Cultos de Mistérios: Ísis, Deméter e Hécate”. O capítulo trata dos mistérios envolvendo os cultos de Ísis no Egito e os mistérios de Elêusis na Grécia.

Este capítulo foi resultado do nosso projeto de Iniciação Científica intitulada “*A Face escura da Lua, A construção da deusa Hécate na Theogonia de Hesíodo*” desenvolvida nos anos de 2019-2020, durante a qual trabalhamos a construção da imagem da deusa no *Hino Homérico à Deméter* e na *Theogonia*. Nós tivemos a oportunidade de participar de duas iniciações científicas com a segunda intitulada “As Cores de Íris: Representações da Deusa Mensageira na Literatura Grega”, quando fizemos um mapeamento das aparições da deusa Íris na épica grega. As leituras que fizemos contribuíram bastante para a pesquisa que deu origem a este trabalho.

Trabalhamos as representações da deusa nas obras para podermos chegar a uma imagem mais clara. Hécate estava presente no imaginário e essa presença muda de obra para obra até chegar em uma deusa de caráter negativo ligada a deuses e a morte.

Buscamos neste trabalho também entender um pouco sobre o contexto de escrita de cada obra, e a partir disso entender a visão que tinham sobre a deusa e como essa visão se transformou através do tempo, não apenas nas obras como também nos relatos sobre os cultos.

No primeiro capítulo buscamos apresentar ao leitor as obras que trabalhamos, posteriormente abordamos algumas aparições da deusa em cultos. A maioria desses mistérios relacionados à deusa não chegaram à modernidade. Buscamos apresentar uma introdução aos contextos das obras mostrando suas funções na sociedade.

A obra mais contextualizada é a *Theogonia* de Hesíodo pois, possui elementos bem interessantes e uma história rica para entender Hécate e outros personagens ligados a ela. Entender quem são as outras divindades na obra podem nos ajudar a entender as *timái* que a deusa compartilha.

Em relação ao *Hino Homérico à Deméter*, falamos um pouco sobre a construção do relato mítico e como a deusa Hécate se envolve nessa narrativa. O hino era voltado aos mistérios de Elêusis e cantado em festivais, buscamos desenvolver essa ideia ao longo do capítulo.

A terceira obra que abordaremos é o *Hino Órfico a Hécate* que se encontra como primeiro hino da coletânea de *Hinos Órficos*. Também podemos notar que assim como

o *Hino a Deméter*, os versos órficos possuem um propósito ritual e já possuem os símbolos e atribuições que deixam a deusa com esse caráter negativo aos olhos da sociedade arcaica.

No segundo capítulo falamos sobre a imagem construída da deusa e as associações que surgem e se estabelecem principalmente dentro dos mistérios. Buscamos tratar os mistérios esclarecendo um pouco sobre o culto e as iniciações contidas nele. Falamos também sobre uma atribuição da deusa que sempre é citada nas fontes, o epíteto *Kourotrophos*.

Buscamos trabalhar os símbolos e animais atribuídos à deusa ao longo das obras tentando buscar uma ligação entre a figura e o imaginário acerca de Hécate. Aqui falaremos das honras da deusa que retornam no *Hino Órfico à Hécate*, obra que não apresenta as diversas facetas da deusa e a amplitude de seus poderes.

Apresentamos uma breve arqueologia da deusa, falando sobre alguns relatos da existência dela no imaginário de algumas cidades. Podemos notar que em algumas a deusa possuía um culto, em outras ela era inserida em alguma procissão ou até mesmo em cultos de outros deuses.

Uma chave muito importante para entendermos a visão que os arcaicos possuíam da deusa são as *Hekataia*. Estas são as estatuas que personificam a deusa e nos apresentam seus símbolos. A estátua possui 3 corpos de uma mulher, cada um voltado para uma direção. Elas eram colocadas em encruzilhadas e cada corpo apontava para um caminho. Os símbolos presentes são Tochas nas mãos, cães ao lado da deusa, serpentes geralmente aos seus pés, chaves e as adagas em suas mãos.

Procuramos ainda, neste segundo capítulo nos aprofundar nos cultos de mistérios, falando um pouco sobre as iniciações. Também exploramos a face *Kourotrophos* da deusa e como ela divide essa *timai* com outros deuses desde a *Theogonia*.

1 Construções históricas sobre o mito de Hécate

Trabalhar a as construções históricas nas quais a deusa está inserida devemos primeiramente esclarecer alguns conceitos que utilizamos. A *Theogonia* de Hesíodo, o *Hino Homérico à Deméter* atribuído a Homero e os *Hinos Órficos* atribuídos a figura de Orfeu são as obras que trabalharemos neste trabalho. No primeiro momento contextualizaremos os leitores das narrativas das obras.

Para prosseguirmos é necessário que o leitor entenda alguns conceitos importantes para analisarmos a deusa dentro das narrativas. Inicialmente abordaremos o conceito de mito.

Para Campbell (2009), o mito não é uma mentira ou algo irreal, concepção fortemente presente na mente dos ocidentais. Conforme o autor, um mito vem a ser uma chave para desvendar aquilo que os seres humanos têm em comum, que é a vocação para os mistérios, para o enigmático. É uma tendência inata humana voltar-se para os enigmas da vida, para o grande mistério da existência. Em resumo, os mitos tendem a fornecer significados para nossa existência (RODRIGUES, GROppo, 2012, p. 57).

Joseph Campbell é um mitologista que se aprofundou em alguns assuntos relevantes, dentre eles o mito. Para Campbell o mito não seria uma narrativa falsa como nós do ocidente costumamos acreditar. O mito é inconscientemente algo que pode nos ligar uns com os outros, seria uma predisposição nativa do ser. Os mitos fornecem um significado para nossa existência.

A deusa Hécate se encontra presente em alguns mitos específicos, ou as obras apenas à citam de determinada maneira, tanto nas histórias que iremos expor quanto dentro de cultos religiosos.

Na antiguidade, da tardia à clássica não se existia a ideia de religião. Dentro das práticas, que chamaremos de “religiosas” dos cultos não havia livro físico, mas havia os *aedos* que declamavam as poesias sagradas durante as celebrações.

De acordo com Jean Pierre Vernant o fato de os cultos não serem como a religião cristã que conhecemos não faz deles menos complexos ou organizados.

As religiões antigas não são nem menos ricas espiritualmente nem menos complexas e organizadas intelectualmente do que as de hoje. Elas são outras. Os fenômenos religiosos têm formas e orientações múltiplas (VERNANT, 2006, p. 3)

O caráter místico das crenças, tanto na antiguidade quanto fora dela não são uniformes ou possuem a mesma forma de manifestação. Esse fenômeno religioso pode tanto se adaptar a necessidades mundanas quanto fascinar com os mistérios póstumos.

De acordo com Walter Burkert sua obra "*Antigos Cultos de Mistério*" nos faz apresentar uma definição dos mistérios.

(...) as religiões de mistério são espirituais, e indicam uma alteração básica na postura religiosa, transcendendo a perspectiva realista e pragmática da postura pagã, em busca de uma espiritualidade mais elevada. Deste ponto de vista, as religiões de mistério são consideradas como religiões de salvação, Erlösungsreligionen, e, portanto, preparatórias ou paralelas ao surgimento do cristianismo. Sob um certo aspecto, isso faria do cristianismo apenas uma e na verdade a mais bem-sucedida dentre as religiões de mistério do Oriente. Ora, é verdade que alguns antigos escritores cristãos ficaram impressionados com certas semelhanças entre o culto cristão e os mistérios, e denunciaram-nos como contrafações diabólicas da única religião verdadeira (BURKERT, 1992, p. 15).

O autor expõe caráter espiritual dos mistérios na antiguidade. As práticas pertenciam a um ideal de "salvação", ou seja, garantiam ao praticante uma existência póstuma favorável. O Orfismo e os Mistérios Elêusis eram cultos de mistérios voltados a essa salvação.

Faremos a seguir uma apresentação das obras *Theogonia*, *Hino Homérico à Deméter* e *Hinos Órficos*. A apresentação da *Theogonia* é estendida em relação as outras pois é de grande importância sabemos como os deuses eram construídos na obra, principalmente os que possuem atribuições negativas. Esse imaginário em relação as atribuições serem negativas ou positivas se dá em relação ao contexto tanto dos autores quanto das pessoas que acreditavam nesses mitos no período arcaico.

1.1 Introdução ao contexto.

Apesar de não figurar como protagonista de um mitologema⁹ específico, a deusa Hécate está mencionada em obras de caráter poético ou dramático cujos enredos são fundamentais para a compreensão dos cultos místéricos da Antiguidade.

Abordaremos sobre o que é a religião grega e qual é o seu papel na sociedade antiga, dando destaque aos documentos onde a deusa está inserida, expondo as funções das obras dentro do contexto em que elas foram escritas. Posteriormente apresentaremos a deusa dentro dessas obras, suas funções dentro da narrativa, como ela é apresentada e os domínios que ela possui.

Para entendermos como os antigos definiam suas crenças, se faz necessário entendermos um pouco sobre elas. Como eles estabeleciam sua fé e porque a palavra religião não define o que existia em seu imaginário.

Devemos ter em mente que o que nós do século XXI temos em mente um conceito de religião que está presente em nosso imaginário, na antiguidade o cenário era outro. A palavra religião vem do latim *religare*, que significa religar ou unir. Uma derivação da palavra *religare* seria *religio*, que significa culto ou prática religiosa. Jenifer Larson, em seu livro *Understanding Greek Religion* (CARVALHO, 2019, p.16), ainda ressalta que não há na linguagem grega antiga nenhuma palavra equivalente à palavra “religião” (APUD LARSON 2016, P.5)

Burkert nos expõe que o conceito religioso não era o mesmo que temos, pois naquela sociedade os moldes eram outros.

A iniciação a Elêusis ou o culto a Ísis ou Mitra não constituem uma adesão a uma religião no sentido que nos é familiar, com religiões mutuamente excludentes como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Enquanto nessas religiões há uma grande ênfase deliberada sobre suas respectivas definições e recíprocas demarcações, na época pré-cristã as várias formas de culto, inclusive novas divindades estrangeiras em geral e a instituição dos mistérios em particular, nunca são excludentes; aparecem como formas, correntes ou opções variáveis dentro do mesmo conjunto, heterogêneo, mas contínuo, da religião antiga (BURKERT, 1992, p.16).

Para entendermos como os gregos viam os mistérios teremos que nos desvincular, ao menos temporariamente, dos conceitos religiosos que nos foram enraizados socialmente e são estruturados no nosso dia a dia.

De acordo com Jean Pierre Vernant em *Mito e Religião na Grécia Antiga*, entre os séculos XI e VIII aEC é instituída a cidade-estado, e o próprio sistema religioso. As cidades tinham seus padrões estabelecidos para cada crença. Nota-se que a deusa trabalhada estava presente em algumas cidades gregas, e em cada uma delas possuía um imaginário próprio da população que ali habitava.

Primeiro, respondem ao particularismo de cada grupo humano que, como Cidade ligada a um território definido, se coloca sob o patrocínio de deuses que lhe são próprios e que lhe conferem sua fisionomia religiosa singular (VERNANT, 2006, p.41).

De acordo com Vernant à *pólis* se coloca sob o patrocínio de um deus, esse deus era cultuado pela cidade e venerado por todos, a ele eram dedicados dias e em geral tinham um templo. Elêusis é patrocinada pelas deusas Deméter e Perséfone que lá eram conhecidas como as duas deusas. Não se sabe quando surgiu o culto Eleusino, o primeiro relato que temos está no *Hino Homérico à Deméter*.

Os mistérios não contradizem a religião cívica, nem quanto às crenças nem quanto às práticas. Eles a completam acrescentando-lhe uma nova dimensão, apropriada a satisfazer necessidades às quais ela não respondia (VERNANT, 2006, p.71-72).

As obras se iniciaram com narrativas orais que passavam de geração em geração, as histórias continham deuses, guerras e personagens que mostravam um pouco do imaginário grego da época. As fontes com as quais trabalhamos são a *Theogonia*, o *Hino Homérico à Deméter* e os *Hinos Órficos*. dentro dessas obras a Hécate nós e apresentada de umas maneiras diferentes.

A referência mais antiga que temos da deusa Hécate é a *Theogonia* de Hesíodo. A obra foi escrita entre os séculos VIII e VII aEC e pertence ao gênero épico. Orientada por uma proposta de didática épica, a obra nos apresenta de maneira ordenada o surgimento do cosmos e a genealogia dos deuses antigos. Conta também como ocorreu o processo de tomada do poder por uma dinastia dessas divindades. A poesia teogônica tem caráter *rapsódico*, que se trata de um poema declamado sem acompanhamento musical (RICHARDSON, 2010, p. 45). Ao contrário do *Hino Homérico à Deméter*, a obra não está ligada a nenhum culto de mistérios, pois está inserida em uma tradição oral ligada à transmissão de ensinamentos.

Em vez de ser chamada "épica", a poesia de Hesíodo é comumente denominada didático-cosmogônica, muito se diferencia da de Homero. A *Teogonia*, narra toda a origem do cosmo de deuses, desde o princípio mais remoto até o estabelecimento de Zeus como rei dos deuses (CARVALHO, 2019, p. 22).

É muito importante entender quem é o aedo na obra. O aedo é o poeta que apresenta ao público suas composições de caráter religioso ou épico. Na *Theogonia* temos como aedo Hesíodo, já os hinos são atribuídos a Homero assim como os *Hinos Órficos* são atribuídos à figura de Orfeu. Não temos certeza exatamente de quem compôs essas atribuições. De acordo com Moraes o aedo era capaz de trazer de volta um passado mítico, guardando as histórias na memória com a finalidade de passá-las para o coletivo se identificava (MORAES, p. 62, 2009. Revista fênix).

Algumas obras na antiguidade que hoje nós conhecemos como livros foram narrados por aedos. As obras onde a deusa Hécate aparece, que consideramos nossas fontes, foram de grande importância para a sociedade arcaica e as que vieram posteriormente.

A *Theogonia*, diferente dos hinos homéricos não possui propósito ritual, a obra escrita entre os séculos VIII e VII, possui um caráter didático e era usada para apresentar o surgimento do mundo. A *Theogonia* já era narrada muito antes de ser escrita, possivelmente já era cantada muito antes da escrita existir, e sempre teve importância para ensinar a criação do cosmo para os jovens e venerar os antigos deuses através de seus versos em celebrações.

A obra de Hesíodo era narrada em uma sociedade agrícola anterior a escrita, Jaa Torrano nos explica que os textos cantados eram o máximo que as pessoas tinham para passar histórias. Nessa sociedade as pessoas passavam todo o conhecimento de histórias e acontecimentos por meio da oralidade.

Nesta comunidade agrícola e pastoril anterior à constituição da *pólis* e à adoção do alfabeto, o aedo (i.e., o poeta-cantor) representa o máximo poder da tecnologia de comunicação. Toda a visão de mundo e consciência de sua própria história (sagrada e/ou exemplar) é, para este grupo social, conservada e transmitida pelo canto do poeta. É através da audição deste canto que o homem comum podia romper os restritos limites de suas possibilidades físicas de movimento e visão, transcender suas fronteiras geográficas e temporais, que de outro modo permaneceriam infranqueáveis, e entrar em contato e contemplar figuras, fatos e mundos que pelo poder do canto se tornam audíveis, visíveis e presentes. O poeta, portanto, tem na palavra cantada o poder de ultrapassar e superar todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais, um poder que só lhe é conferido pela Memória (*Mnemosyne*) através das palavras cantadas (Musas) (TORRANO, 2017, p. 16).

A *Theogonia* apresentava uma narrativa que rompe os limites do tempo apresentando divindades primordiais, que para o imaginário da época, estavam no poder, e seres mitológicos extraordinários para qualquer temporalidade.

A *Theogonia*, importante graças ao esse caráter didático, os *Hinos Homéricos* e *Hinos Órficos*, obras voltadas a cultos, são as fontes que analisaremos sobre a deusa. Hoje estas obras são importantes para que estudiosos possam estudar, analisar e procurar reconstruir o imaginário de suas respectivas épocas. De acordo com Moraes, os aedos eram bastante valorizados e apreciados, eles possuem uma função que ia muito além de alegrar os banquetes graças ao caráter informativo que os cantos possuíam (Moraes, p. 62, 2009. Revista fênix).

Hécate está presente na obra de Homero como deusa que auxilia a deusa Deméter, sendo apresentada também como, portadora de tochas, nutris de jovens e caminhante entre o mundo dos vivos e dos mortos, porém nas outras obras atribuídas ao autor ela não aparece em nenhum momento. A *Ilíada* e a *Odisseia* narram uma história com presença abundante dos deuses onde podemos ver como era a relação das divindades, uns com os outros e em relação aos mortais. Notamos também as relações políticas dos olímpianos e ela está presente. Em nenhum momento a deusa Hécate aparece ou sequer é mencionada na obra com a mesma atribuição dos hinos homéricos.

Homero não faz qualquer referência a Hécate, cujo nome não aparece nem na *Ilíada* nem na *Odisseia*. Hesíodo, cuja família procedia de Cime, localidade cária, dedicou a Hécate, na *Teogonia* (411 -52), um esplêndido hino no qual diz que o poder da ilustre titanessa se estende a todos os domínios do universo: Terra Mar e Céu. Ainda de a cordo com o hino hesiódico, em cada um desses espaços cósmicos Hécate tem sua parte de honras, grandes privilégios não só confirmados com os acrescentados por Zeus, cujo partido ela toma tanto na titanomaquia com o na luta contra os gigantes. (SERRA, 2015, p. 235).

Os hinos homéricos assim como a *Ilíada* e a *Odisseia* são obras atribuídas a figura de Homero. Porém existe a possibilidade de as obras terem sido escritas por pessoas diferentes. É interessante apontarmos essa ideia já que apesar de atribuir as obras a Homero, podemos notar que existem diferenças entre elas.

As obras gregas onde a deusa aparece não são apenas as que estamos trabalhando. Hécate está inserida em outras narrativas com representações diversas. Das fontes trabalhadas nos atentaremos a falar apenas das mais conhecidas.

O *Hino Homérico à Deméter* é uma obra com propósito ritualístico voltado aos cultos de mistérios. É importante saber que as obras que trabalhamos primeiramente faziam parte da tradição oral, sendo declamados em festivais públicos e privados pelo aedo. Com o passar do tempo a modalidade escrita se instala na Grécia. Uma não interferia no funcionamento da outra tendo a tradição oral bastante presente nos textos

escritos. Torrano (2017, p. 16) nos diz que a comunicação oral era o máximo de tecnologia que aquela comunidade agrícola dispunha.

De acordo com a historiadora Neyde Theml, em seu livro “O público e o privado na Grécia”, a apropriação da escrita na pólis se fez, primeiramente, na modalidade de comunicação oral, pois a escrita era pública, portanto, era para ser vista, lida e ouvida. Apesar da emergência da escrita, a tradição oral não se desestruturou, ambas coexistiram, por isso os primeiros textos possuíam marcas de oralidade. Conforme Havelock, podemos observar na transcrição alfabética dos textos essa característica de parceria entre o oral e escrito (ALBUQUERQUE, 2010, p. 213).

Os autores João Marcos Alves Marques e Marília da Rocha Marques nos apresentam que os hinos colocam o deus na presença do ritual pois estabelece a presença da divindade mediada pelas musas. Assim é feito um contato direto com o divino (MARQUES, MARQUES, 2015, p.173-174). Não apenas o *Hino Homérico à Deméter* tem essa estrutura, mas também os *Hinos Órficos*.

Os hinos órficos como já mencionado, foram escritos os séculos II a IV dEC, e pertencem ao culto órfico que existia na Grécia. O orfismo de acordo com Vernant, fazia parte do helenismo tardio e possuía uma tradição de textos escritos e livros sagrados (2018, p. 82). Assim como o *Hinos Homéricos* eram textos com propósito ritual, porém possuíam uma inspiração *Theogonia* de *Hesíodo* em sua composição. Podemos notar essa inspiração quando à deusa são atribuídos domínios semelhantes. Outras fontes citando a deusa não serão usadas nessa pesquisa específica pois não fazem parte do nosso recorte, porém algumas são citadas por nossos autores.

As fontes que trabalhamos foram redigidas em épocas diferentes, portanto apresentam, uma imagem diferente de Hécate. Antes de serem textos escritos, essas obras faziam parte da oralidade grega, ou seja, eram passadas por meio da narração oral de geração em geração.

1. 2 Apresentação à *Theogonia*

A primeira obra que trataremos é a primeira menção à deusa Hécate que temos acesso. A *Theogonia* foi dividida pelos estudiosos em treze momentos em que o poeta introduz assuntos de grande importância para a história narrada. A partir de agora falaremos dos acontecimentos narrados por Hesíodo na *Theogonia*.

No início da narrativa o poeta conta que as musas o ensinaram o canto ele pastorava ovelhas no monte Hélicon.

A invocação às Musas no início do canto trata-se de uma convenção da poesia épica: é assim quando Homero recorre à deusa no primeiro verso da *Ilíada* e à musa no da *Odisseia*, e assim quando Hesíodo chama pelas Musas da Piéria em *Trabalhos e Dias* e faz sua exortação a partir das Musas Helikoníades na *Theogonia*. O aedo se põe como servo das deusas, por meio do qual o canto será entoado (PALAVRO, 2019, p. 86).

Tanto o texto inicial quanto o restante da obra são atribuídas a Zeus detentor do raio e às musas patronas das artes. A narrativa já se inicia nos contando que Zeus Cronida e Memória Rainha das colinas de Eleutera são os progenitores das Musas. Por nove noites Zeus se une a Memória e concebe as detentoras do monte Hélicon. Com as musas nascem as festas e as Graças são as divindades mais próximas a elas. As Musas são protagonistas desse momento pois o poeta as descreve e as louva dedicando a elas toda a narrativa.

(...)isto as Musas cantavam, tendo o palácio olímpio,
nove filhas nascidas do grande Zeus:
Clio, Euterpe, Thalia, Melpômene, Terpsícore, Érato, Polyhýmnia,
Urânia e Calíope., que dentre todas vem à frente
(HESÍODO. *Theogonia*, v. 74-79).

A segunda parte da narrativa é denominada *Os deuses primordiais*. Neste momento, de acordo com o poeta, se inicia a história principal da obra, que consiste na narrativa do início do cosmos. Primeiro vêm Caos (Χάος), Gaia (Γαῖα), Tártaros (Τάρταρος) e Eros (Ἔρως) e a partir desses “deuses primordiais” vem toda a genealogia que é apresentada por Hesíodo. Do Caos nascem Érebo (Ἔρεβος) e Nýx (Νύξ) e da Terra nascem Ouranos (Οὐρανός), as Montanhas, Pontos (Πόντος) e os rios. Do coito de Gaia e Ouranos vieram vários filhos, inclusive Mnemósine, mãe das Musas.

Segundo Hesíodo, após o surgimento dos quatro deuses primordiais que dão origem ao universo (Caos, Terra, Tártaro e Eros), a divindade Terra, após parir Céu, passa a manter com ele um relacionamento incestuoso e prolífero. Dentre os vários filhos que derivam desse relacionamento, o mais novo, chamado Crono, destitui o pai e assume o poder sobre o cosmos (COELHO, 2017, p.126).

Temos aqui Ouranos e Gaia como deuses soberanos, porém, Ouranos era soberano inclusive em relação a sua mãe e mãe de seus filhos. Posteriormente vemos que Terra se cansa de ter Ouranos a oprimindo e arma contra ele.

O próximo título é a *História de Céu e de Crono*, onde o poeta narra como Chronos (Χρόνος) ceifa o poder de seu pai Ouranos. É narrado que Ouranos detestava todos os filhos e os ocultava dentro de Gaia, que sentia muita dor graças a isso. Gaia aborrecida com os desmandos de Ouranos de arma para tirá-lo do poder. O único filho que fica a seu lado indo contra o próprio pai e Chronos que se prontifica a ajudá-la.

"Filhos meus e do pai estólido, se quiserdes ter-me fé, puniremos o maligno ultraje de vosso pai, pois ele tramou antes obras indignas". Assim falou e a todos reteve o terror, ninguém vozeou. Ousado o grande Crono de curvo pensar devolveu logo as palavras à mãe cuidadosa: "Mãe, isto eu prometo e cumprirei a obra, porque nefando não me importa o nosso pai, pois ele tramou antes obras indignas" (HESÍODO. *Theogonia*, v. 169-172).

Gaia entrega a Chronos uma foice e com ela ele ceifa o pênis do pai. Neste momento, Chronos e Gaia se separam e Chronos passa a governar.

Segundo o poema, atulhada por ter que manter dentro de si todos os filhos que nasciam de sua união com Céu, Terra forja um grande podão de grisalho aço (vv. 160-161) e solicita ajuda aos filhos para se libertar do ultraje imposto por Céu. Seu filho mais novo, Crono, concorda em castrar Céu com a foice, aliviando-a, assim, da dor de ter que comportar dentro de si todos os filhos e impedindo Céu de continuar sua atividade sexual. Quando, com a Noite, Céu se colocou em posição para cobrir a Terra, Crono, que estava em tocaia, ceifa o órgão genital de seu pai, lançando-o ao mar (COELHO, 2017, p. 134-135).

O falo arrancado cai no mar e daí nascem algumas divindades. Do esperma que cai no mar nasce a deusa do amor e da beleza, Aphrodite (Αφροδίτη). Esse capítulo mostra como Crono assume o poder sobre os deuses.

Em os *filhos da Noite* e podemos ver alguns seres malquistos pelos seres mortais como Morte, Escarnio, Miséria, Velhice etc. neste momento acontece uma pausa na história principal, porém a genealogia continua sendo narrada pelo *aedo*. De acordo com Bruno Palavro "O trecho ressalta os aspectos funestos da vida com tanta vivacidade que requer ao menos uma tradução alternativa" (PALAVRO, 2019, p. 97). Os aspectos funestos vindos da noite marcam esse imaginário, de tal forma que

posteriormente a deusa Hécate, ao receber atribuições noturnas passa a ser marginalizada.

Em *A linhagem do mar* o poeta narra a linhagem de Nereu, o Ancião também chamado de *O velho do mar* que na obra é o pai de Cinquenta nereidas. A linhagem do mar é uma genealogia bastante extensa e detalhada de divindades descendentes de Nereu.

Todas as deusas designam qualidades marinhas, e praticamente todas são morfologicamente adjetivos femininos. Poderiam todas ser características do Mar, ou de uma região do mar. Pelos topônimos existentes (pelo menos quatro: Melita da ilha de Malta, Dádiva da Dória, Onividente de Pánope e Galatéia de Galate), essa região seria o mar Egeu. Nereu seria um deus dessa região, ou, quem sabe, um nome antigo do mar (SANTORO, 2008, p. 103).

Em *A linhagem do Ouranos*, e Oceano geram os rios rodopiantes e as Oceânides. Os astros e a estrela da manhã também são criados neste momento. A partir daqui o aedo nos revela que quem ficasse ao lado de Zeus no combate contra os titãs não perderia nenhuma honra ou domínio, e os que não tem nenhuma honra a partir do domínio de Zeus passaria a ter. O poeta diz que o Crônida cumpre sua palavra devidamente após sua vitória. Mesmo sendo um trecho que não tem uma continuação do enredo principal, é importante para entendermos que os deuses que ficam ao lado de Zeus não perdem domínios. No caso de Hécate ela é uma dessas divindades que permanece com suas atribuições após a nova ordem Olímpica.

Assim decidiu Estige imperecível Oceanina
no dia em que o Olímpio relampeante a todos
os imortais conclamou ao alto Olimpo,
e disse quem dos Deuses combatesse com ele os Titãs
ele não o privaria dos prêmios e cada honra
manteria como antes entre os Deuses imortais,
e que o não-honrado sob Crono e sem-prêmios
honra e prêmio alcançaria, como é justiça.
E veio primeiro Estige imperecível ao Olimpo
com os filhos, por desígnios de seu pai;
honrou-a Zeus e supremos dons lhe deu:
fez dela própria o grande juramento dos Deuses
e seus filhos para sempre residirem com ele.
Assim para todos inteiramente como Prometeu
cumpru, ele próprio tem grande poder e reina
(HESÍODO, *Theogonia*, v. 389-403).

Zeus é inserido no texto pelo *aedo* de uma forma contextualizada e podemos notar que ele desde o princípio é o deus mais venerado na obra. Zeus é o deus mais conhecido quando se trata dos olimpianos, e se torna bem claro a fé que o aedo tinha

nele, o que pode nos dizer muito sobre as crenças do poeta e de onde ele estava inserido.

O próximo momento a ser cantado por Hesíodo é o mais importante para essa pesquisa. Se trata do hino dedicado à deusa que nos debruçaremos nos capítulos posteriores, o *Hino a Hécate*. Quando o *Hino a Hécate* aparece na narrativa não existe uma introdução. A *Theogonia* está narrando a história principal e repentinamente o poeta dedica alguns versos à deusa. O hino localizado entre a linhagem do céu e o hino a Zeus não é uma continuação da história, e nem se liga aos hinos que vem antes nem depois.

Halfway through the Theogony, just before the birth of Zeus is described, comes the enigmatic "Hymn to Hecate" (411-52), a remarkable and much contested passage which provides our earliest testimony for the goddess. In contrast to the usual picture of a sinister, chthonic Hecate associated with the dead, the moon, crossroads, torches, dog sacrifices, the Hesiodic figure can be called "a healthy, independent and open-minded goddess" with "universal" powers (BOEDEKER, 1983, P. 79).

De acordo com Jenny Straus Clay a família de Hesíodo tinha certo apreço ao culto da deusa que existia na Asia Menor, porém o hino não tem esse caráter religioso de louvor à deusa. A autora acaba falando que isso pode ser apenas uma especulação. Hécate ser inserida na obra sem necessariamente acrescentar na história principal, pode sim ser uma influência da crença do autor. A ideia do aedo que louva uma determinada divindade declamar poemas em sua honra nos parece bastante aceitável e possível.

According to the most recent and authoritative commentary on the passage, by M. L. West, Hesiod's family had a special attachment to the Hecate cult, which it had encountered in Asia Minor before its emigration to Boeotia.⁶ West considers the "Hymn to Hecate" "not so much a hymn as a gospel" in which the "zealot" Hesiod gives a statement of "his personal beliefs" concerning "the chief goddess of her evangelist."⁷ Recently, however, the long-accepted view of Hecate's Anatolian origin has been thrown into question.⁸ If nothing else, the speculations of West and others, based on flimsy evidence to start with, now appear even more tenuous (CLAY, 1984, p. 28).

Outros autores acabam corroborando com a afirmação de que Hesíodo era do culto de Hécate. A possibilidade de Hesíodo, ou familiares, ser alguém religiosamente ligado à crença de Hécate apresentada por Clay seria uma explicação para o Hino a Hécate presente na *Theogonia*.

Mazon, for example, without citing any evidence apart from the passage itself, declares that Hecate must have been the chief goddess

of Hesiod's village of Ascra, and that the Theogony must have been composed for a festival there. Van Groningen reaches a similar conclusion, and welcomes the poet's personal devotion to this goddess as a balance for his otherwise detached theological tone (...) Moreover, West agrees with the common opinion that Hecate came to Greece from Asia Minor (Caria), as argued at length by Kraus.⁹ Since the poet of Works and Days claims that his father emigrated from Asia Minor (Aeolian Kyme) to Boeotia, West believes that Hesiod's own family may have introduced the worship of the Asiatic Hecate into Boeotia.¹⁰ In Theogony 411-52, West concludes, the poet is commending to his audience his own favorite goddess (BOEDEKER, D, 1983 ,p. 80).

Existe outra afirmação que não descartamos e se for real não anula a anterior. Em algumas obras clássicas como *Ilíada* e *Odisseia*, quando está no clímax da história ou próximo a ele, os autores colocam uma história diferente ou muda a cena, dando um descanso ao público ouvinte, ou leitor. Este momento pode servir para preparar o público para o que está por vir. Pelo *Hino a Hécate* ter sido inserido abruptamente e anterior ao nascimento de Zeus, que dá início ao acontecimento principal, ele pode ser um desses momentos anteriores ao clímax. Hesíodo ter escolhido a deusa para esse momento específico, pode nos dizer uma ligação especial com a figura da deusa.

A deusa nos é apresentada pelo aedo com abrangentes poderes e com a capacidade de atuar em basicamente todas as camadas do cosmo. A deusa independente estaria mais ligada aos mortais no hino pois atua de forma intermediária. A ela os humanos recorrem quando querem alguma coisa. Hécate também se relaciona com domínios que não são exclusivos a ela.

Hécate é apresentada como uma deusa relativamente independente e propensa na esfera de atuação dos mortais, desde as competições até o trabalho no campo, no mar, e na guerra. Contudo, toda área em que a deusa pode manifestar sua influência – o que parece crucial para o sucesso da empreitada dos homens – pertence também a uma divindade mais específica: as sentenças dos reis, a Zeus (v. 430); a guerra, a Ares (v. 432); a pesca, a Posêidon (v. 440) o pastoreio, a Hermes (v. 444); etc. (CLAY, 2003, p. 133-134). Além disso, o que chama atenção no intermédio da deusa frente aos domínios das demais divindades é o fator de sua vontade, reiterado em toda sua seção na *Theogonia* pelo verbo *ethélein* (querer); e justamente com isso Hesíodo parece indicar um domínio mais definido para Hécate, embora também mais abstrato (PALAVRO, 2019, p. 86).

Hécate na obra é a única deusa a possuir um hino apenas a exaltando. Não há uma história da deusa, ela não faz parte da história principal e não aparece em outros momentos da narrativa.

Podemos usar o exemplo do Canto III da *Ilíada*. Páris Alexandre aparece em campo de batalha, o que desagrade a Heitor, seu irmão, e agrada Menelau, primeiro

marido de Helena. Heitor começa a falar que ele não deveria estar em batalha pois tudo o que está acontecendo é culpa dele. Páris Alexandre diz que se Heitor quer vê-lo batalhar ele deve parar a batalha, colocar aqueus e troianos sentados para vê-lo batalhar contra o loiro Menelau que prontamente aceita o desafio.

“Heitor, visto que me censuras com razão, e não para lá da razão sempre inflexível é o teu coração como o machado que, desferido através de uma prancha pelo homem conhecedor da arte de construir naus, aumenta o ímpeto de quem golpeia: assim inflexível é o espírito que tens no peito —, não me lances à cara os dons amáveis da dourada Afrodite. Não se devem rejeitar os dons gloriosos dos deuses, que eles próprios outorgam e que nenhum homem alcançaria por sua vontade. Mas se queres que eu lute e combata, manda sentar os demais Troianos e todos os Aqueus; coloca-me no meio, assim como a Menelau dileto de Ares, para combatermos por Helena e por tudo o que lhe pertence. E aquele dos dois que vencer e mostrar ser o melhor, que esse leve para casa todas as riquezas e a mulher. Pela vossa parte, tendo jurado amizade com leis sacrifícios, habitai Troia de férteis sulcos, e que eles regressem a Argos apascentadora de cavalos e à Acaia de belas mulheres”
(HOMERO, *Ilíada* v. 59-75).

Quando eles estão se preparando para a batalha e o confronto está quase começando a cena corta para a deusa Íris indo até Helena, que se encontra tecendo uma tapeçaria. Com a aparência de Andrômaca, a deusa alada conta a Helena que o ex-marido e o atual irmão batalhar por ela corpo a corpo. Com dor no coração e saudade de casa e do ex-marido, Helena vai até Príamo que estava acompanhando os preparativos para o confronto.

Nesta passagem podemos notar que quando o clímax ia começar o poeta começa a narrar outro momento da História. Esse recurso de interromper a narrativa antes do clímax é o que vemos na *Theogonia* quando o *Hino a Hécate* é inserido na obra, a diferença é que além disso o hino parece inserido na *Theogonia* com um propósito religioso. O capítulo que vem posterior a esse momento na narrativa de Hesíodo é *O nascimento de Zeus* que já inicia a história da sucessão do Olimpo.

A seguir temos “*O nascimento de Zeus*”, texto que vem após o *Hino a Hécate*. A partir daqui se inicia a história de como Zeus tira o domínio de Cronos e se estabelece como deus superior do Olimpo. A história tem início com Réia (Ρέα), que se encontra submetida aos mandos de Chronos. Ela paria todos os filhos, que posteriormente se tornariam os deuses mais conhecidos da mitologia grega, porém Chronos os engolia logo após seu nascimento. Réia deu à luz Héstia (Ἑστία), Deméter (Δημήτηρ), Hera

(Ἥρα), Hades (Ἅιδης ou Ἄδης), Poseidon (Ποσειδῶν) e por último Zeus (Ζεύς). Quase todos os deuses foram engolidos pelo titã, com a exceção de Zeus.

E engolia-os o grande Crono tão logo cada um
do ventre sagrado da mãe descia aos joelhos,
tramando-o para que outro dos magníficos Uranidas
não tivesse entre os imortais a honra de rei.
Pois soube da Terra e do Céu constelado
que lhe era destino por um filho ser submetido
apesar de poderoso, por desígnios do grande Zeus.
E não mantinha vigilância de cego, mas à espreita
engolia os filhos. Réia agarrou-a longa aflição
(*Theogonia*, 207. v. 459- 466).

A deusa Réia paria seus filhos e Chronos os engolia logo em seguida. O deus Chronos ouviu de Gaia e Ouranos que um filho seu iria usurpar o seu poder. A partir disso o deus supremo, temendo que essa situação realmente se concretizasse, passa a engolir os filhos. A deusa Réia, vendo a situação pede ajuda para Gaia e Ouranos para esconder o filho que estava esperando. Ela se esconde de Chronos e para parir o deus Zeus. Réia na hora de entregar o filho a Chronos, entrega uma pedra e ele engole sem nem olhar para o objeto.

Zeus cresce em uma gruta na cidade de Creta sem que Chronos saiba. Quando Zeus cresceu e ficou mais forte ele decide ir contra os desmandos do pai. Com a ajuda da deusa Gaia, Zeus consegue fazer com que Cronos vomite seus irmãos e assim passa a formar sua aliança para tirar Cronos do poder. Sua primeira atitude é tirar os tios paternos da prisão, em agradecimento eles presenteiam Zeus com o trovão e o raio flamejante.

Neste momento o poeta faz mais uma pausa dentro dessa história principal e se inicia a intitulada por pesquisadores *História de Prometeu*. Filho de Jápeto (Ἰαπετός), Prometeu (Προμηθεύς) também possui, na obra uma história que não tem uma continuação com a sucessão divina, ela se passa após Zeus já ter assumido o poder. Essa história passa a ser importante pois o significado do fogo de Prometeu pode ser o mesmo do fogo das tochas carregadas pela deusa Hécate.

Em um banquete destinado à paz de deuses e mortais Prometeu apresenta duas oferendas a Zeus, em uma delas tinham várias carnes escondidas no estomago de um boi de aparência repulsiva. No outro tinha ossos de boi e gordura em uma aparência apetitosa. Zeus escolhe o de aparência reluzente e assim é enganado por Prometeu. O truque aborrece Zeus que tira o fogo dos mortais como castigo. Em decorrência disso Prometeu rouba o fogo para dar aos humanos.

Pandora chega como parte derivada direta do presente de Prometeu aos homens, o fogo dos deuses. O fogo dos deuses, mas não mais um fogo natural. Ela chega junto do fogo técnico, do trabalho, do esforço. O fogo presenteado por Prometeu precisa ser cuidado, conservado, dentro do oco da fôrula, ele precisa ser continuamente reconquistado. A dor e o sofrimento que ela vem trazendo não é senão um adendo àquele outro presente (o fogo técnico) que, por sua vez, era um ajuste da consequência da hora da separação entre deuses e homens, quando a humanidade é marcada pela astúcia de Prometeu proporcionando a sobrevivência aos homens. Pandora, porém, faz o esforço do trabalho se transformar em dor (BOCAYUVA, 2011, p. 56).

Existem semelhanças quando se compara o fogo de Prometeu com o fogo das tochas da deusa Hécate. As luzes das tochas que a deusa carrega de acordo com Shelly M. Nixon é tanto figurativo quanto literal pois ela não apenas traz a luz em forma de tochas, ela traz a luz do conhecimento e percepção (NIXON. p.8)

O fogo, ao surgir no mundo, dissipou as trevas e trouxe aos Homens a luz da civilização e da esperança. "Prometeu - diz Jaeger' - é o que o traz a luz à Humanidade sofredora. O fogo, essa força divina, torna-se o símbolo sensível da cultura (QUINTELA, 2009, p.134).

Zeus, após o roubo do fogo, tomado pelo ódio pede ao deus Hefesto para que forje uma mulher para mandar aos mortais. Seu nome é Pandora e ela na obra é descrita como "o belo mal". Ela foi mandada como um castigo aos mortais que a partir dela recebem todos os males que assolam a humanidade.

Ali Zeus ordena a Hefesto que forje a mulher a partir do barro e nela ponha voz humana e que a deixe com aparência de uma deusa. Athena e Aphrodite lhe atribuem graça, cada uma a seu modo. Hermes lhe inspira dissimulada conduta e espírito canino. Ela recebe o nome Pandora que significa literalmente "todo presentes". É que a ela Zeus entrega um vaso cheio de "presentes" dos deuses para que ela os leve e dê aos homens, "presentes de grego", pois na verdade são males: difíceis trabalhos e terríveis doenças. Quando Pandora estava pronta, com o vaso na mão, foi enviada ao irmão de Prometeu, Epimeteu, o sem astúcia, que apesar dos conselhos do irmão para que não recebesse nada da parte de Zeus, ficando encantado com a beleza de Pandora, a recebe de braços abertos. Assim que é recebida, Pandora libera do vaso os males deixando ficar apenas a esperança tal como ordenara Zeus e os homens passam a viver, portanto, dia após dia entre dores e sofrimentos e com a experiência da doença e da morte (BOCAYUVA, 2011. p. 54-55).

De acordo com a obra, Prometeu recebe um castigo mais específico, ele foi acorrentado a uma rocha onde seu fígado era devorado diariamente. Durante a noite o fígado era regenerado para que no próximo dia o fígado fosse devorado novamente. Isso acontece até que Hércules mate a ave posteriormente.

Após a história de Prometeu temos a *Titanomaquia*, que pode ser considerada o clímax da história principal apresentada pelo poeta. Quando Cronos soube que Zeus e seus irmãos tramavam contra ele se encheu de ódio. Zeus recebe ajuda de Gaia, que aconselhava os deuses no combate doloroso que durou 10 anos.

Após Chronos vomitar os filhos, Zeus e os irmãos vão contra a ordem estabelecida pelo pai. Esse momento se inicia com o aedo dizendo que Cronos estava irado com seus filhos pois eles se unem e declaram guerra contra ele. Aconselhados por Gaia, os deuses têm êxito na batalha e conseguem tomar ao poder levando a ordem de Chronos para o Tártaro. A batalha apesar de sangrenta teve um resultado positivo para Zeus que se estabelece como soberano do Olimpo.

Cando está a piques de nacer o derradeiro, Zeus, Rea pídelles axuda a seus pais, Urano e Xea, que lle aconsellan que marche a Licto, en Creta para dara luz o máis novo dos seus fillos (Hes., Th., 453 ss). O alcanzar Zeus maioridade, Xea indúceo a emprende - la guerra contra Crono, denominada Titanomaquia (Th., 629-733) porque nela os Titáns axudaron o pai de Zeus. A oçu pación do Olimpo por parte dos Cronidas será definitiva e desde entón Zeus, os seus irmáns e mailos seus fillos chamaranse os Olímpicos. Crono e os outros Titáns son expulsados do ceo e encadeados no Tártaro (BOADO, 1999, p. 94).

Com os Titãs tendo perecido e se encontrando no tártaro a obra nos apresenta o próximo capítulo como “*Descrição Do Tártaro*”. Logo no início já nos é apresentado que a distância das camadas do Cosmo. O aedo narra que se uma bigorna cair do céu levaria nove dias para ela atingir a terra. A distância da terra ao tártaro é a mesma de acordo com o verso.

Nove noites e dias uma bigorna de bronze
Cai do céu e só no decimo atinge a terra
E, caindo da terra, o tártaro nevoento
(HESÍODO, *Theogonia*, v, 722-723a).

O ambiente é narrado por Hesíodo como escuro, oculto e sem saída, muitos seres ctônicos são localizados lá como os terríveis filhos da noite. A sua frente temos o Palácio de Hades onde o soberano do submundo habita com sua esposa Perséfone. A frente dos portões do palácio temos Cérbero (Κέρβερος), o cachorro de três cabeças que quando as almas adentram as recebe bem, porém quando elas tentam sair ele as devora. Os Titãs e os seres odiados pelos deuses habitam o Tártaro e sofrem pela eternidade.

Com o perecer dos titãs que passam a ter o Tártaro como morada, Zeus passa a governar. Então de Gaia descende Tifão, monstro com diversos braços e cabeças.

O aedo nos conta que se não fosse Zeus Crônida ele teria dominado os mortais. Quando ele começa a espalhar o caos Zeus desce do Olimpo e o enfrenta. Ao final da batalha Zeus tem sua vitória e Tifão é destinado ao Tártaro.

Tifeu (ou Tifon), o mais temível monstro do caos de Hesíodo, fará o seu último ataque ao amorfo regime de Zeus (HESÍODO, Teogonia, vv. 836-868); o epíteto privativo *ανομος* sugere ausência da lei cósmica que essa criatura divina representa. No final, Zeus derrotará Tifeu e seu triunfo será emblematizado por Têmis, sua segunda esposa, e por sua filha Diké (a antítese de anomia) (HESÍODO, Teogonia, vv. 901-902). Veremos que os Cíclopes de Homero (diferentemente de seus três primos imortais de Hesíodo [Teogonia, vv. 139-146]) também perpetram arrogância e anomia, embora não numa escala cósmica. Cérbero, que compartilha com Polifemo e outros monstros o apetite por carne humana fresca, é definido por um adjetivo privativo (“indomável”, “intratável”), por mais uma negação, *ου τι φατειός*, com efeito “impronunciável”. Seu próprio nome sintetiza a voz inimitável, incompreensível, selvagem e inesgotável (cf. *χαλκεόφωνος*) do Outro; se pronunciado, o nome do cão é propenso a trazer má sorte. Hesíodo mostra que é mais fácil definir algo abominável afirmando o que ele não é; uma formulação negativa é, pela mesma razão, adequada para uma descrição de algo sublime, igualmente “fora desse mundo”. A linguagem da abominação e da monstruosidade sobrepõe o idioma da maravilha e da admiração (PETROPOULOS, 2019, p. 150-151).

Como a narrativa em diversos momentos são dedicados elogios a Zeus, não nos é incomum ou estranho ter um momento para narrar uma vitória gloriosa contra um monstro terrível.

O Último Capítulo que a obra nos apresenta é “Os Olímpianos”, Momento em que é narrada a Genealogia dos deuses olímpicos da ordem de Zeus. Neste capítulo vemos que as horas em relação aos domínios são divididas com Zeus ficando com o domínio do céu (Olimpo), Poseidon com o domínio dos mares e Aidoneu, ou Hades, que conhecemos como Hades no submundo ou mundo avernal.

O aedo narra que A primeira esposa de Zeus e Métis (Μήτις) deusa da prudência. De Zeus a Métis engravida de Athena, nesse momento é narrado que Gaia relata a Zeus que seu segundo filho com a deusa seria arrogante e muito poderoso. Zeus temendo que acontecesse com ele o que aconteceu com seu pai e seu avô, engole a esposa antes da gestação ser concluída.

Zeus rei dos Deuses primeiro desposou Astúcia
mais sábia que os Deuses e os homens mortais.
Mas quando ia parir a Deusa de olhos glaucos Atena,
ele enganou suas entranhas com ardil,

com palavras sedutoras, e engoliu-a ventre abaixo,
por conselhos da Terra e do Céu constelado
(HESÍODO, *THEOGONIA*. V 886-891)

A segunda esposa do deus e Témis (Θέμις) deusa da justiça. E enquanto estava com ela se relacionou com outras deusas como Eurinome, mãe das graças, Deméter, mãe de Perséfone e Memória, mãe das musas. Perséfone que vem a ser a esposa de Aidoneu e rainha do submundo. Inclusive o rapto é citado brevemente na obra. A deusa Hécate, mesmo aparecendo na obra de Homero, não é incluída na de Hesíodo, que é anterior.

Por último Zeus se casa com a deusa Hera constituindo o casal que comanda o olimpo conhecido. Da cabeça de Zeus sai Athena, deusa de grande relevância no olimpo. Essa genealogia final da obra tem um fim na geração que está presente na guerra de troia contendo Aquiles e Odisseu.

A *Theogonia* de Hesíodo mesmo não possuindo menções a deusa ao longo de todo o texto se faz importante para a compreensão de Hécate. Nota-se que em algumas passagens é mencionado algo ligado a deusa. Um exemplo disso é o fogo das tochas de Prometeu que levam o discernimento aos homens. Esse é um símbolo que mais tarde foi associado a deusa nos cultos de mistérios nos quais ela estava inserida.

Em outro momento notamos que os filhos de Nix não são bem-vistos, muito pelo contrário, são seres temidos e malvistos pelos homens mortais. Nota-se que a imagem dos seres noturnos ou associados com a noite são comuns ao imaginário dos gregos. Posteriormente a deusa Hécate recebe atribuições lunares e relacionadas com seres noturnos. A partir dessas atribuições a deusa é vista de uma forma diferente. A Hécate poderosa, bondosa, intermediária e sem atribuições maléficas que existe na *Theogonia* se transforma ao longo dos tempos. A partir das outras obras notaremos que a deusa não possui as mesmas características, ela se transforma no imaginário.

1.1 Hinos e cultos

Um hino é um poema ou cântico composto para glorificar deuses ou heróis. Tanto os *Hinos Órficos*, atribuídos a figura de Orfeu, quanto os *Hino Homéricos*

atribuídos ao poeta Homero engrandecem a figura de divindades quase invocando-as em seus versos. Uma dessas divindades é Hécate que possui uma diferença notável de uma obra a outra. No *Hino Homérico à Deméter* Hécate é de grande ajuda, porém não é descrita com grandes poderes. Já nos Hinos Órficos a deusa é possuidora de domínios nas três camadas e é atrelada a símbolos diversos.

O *Hino Homérico à Deméter* é a segunda obra grega na qual a deusa está inserida após a *Theogonia*. Obra de autoria anônima tem seus versos atribuídos a Homero e narra a história do luto de Deméter em decorrência do rapto de Perséfone. O hino era declamado oralmente a princípio, só foi redigido por volta do século VII aEC e tem uma narrativa que se liga aos mistérios da cidade de Elêusis onde as duas deusas, Deméter e Perséfone, eram cultuadas. O hino homérico é furto desse culto de mistérios e foi criado a partir desta crença fazendo o texto ter um propósito ritualístico. Com caráter cultural apenas emulava os versos homéricos, já a real existência do poeta é questionada até os dias atuais.

Hinos homéricos (...) é o título tradicional de uma antiga coleção de 33 poemas dedicados a 22 divindades gregas - Afrodite, Apolo, Ares, Ártemis, Asclépio, Atena, Deméter, Dioniso, Dióscuros, Gaia, Hefesto, Hélio, Hera, Hércules, Hermes, Héstia, Musas, Pã, Poseidon, Réia, Selene e Zeus -, com invocações, relatos míticos, atributos, preces e raras menções a festivais religiosos. No total, a coleção tem 2.227 versos, o que equivale, aproximadamente, a dois livros da *Ilíada* ou da *Odisseia*, obras que foram também atribuídas a Homero na Antiguidade (RICHARDSON, 2010, p. 40).

O *Hino Homérico à Deméter* faz parte de uma coletânea de trinta e três hinos dedicados a vinte e duas divindades helênicas. Os hinos homéricos foram atribuídos ao poeta Homero e dedicados a algumas divindades gregas. Os versos contêm invocações, características, menções a outras divindades e ligações com festivais religiosos.

De acordo com Nicholas Richardson os hinos eram declamados nos festivais pelos rapsodos. O autor afirma que os hinos homéricos tinham uma importante função nos festivais, e existe a possibilidade de os hinos estarem presentes em cerimônias privadas (RICHARDSON, 2010, p. 43).

O *Hino Homérico à Deméter* já se inicia com o aedo deixando claro que o sequestro já havia acontecido, em decorrência desta situação a deusa Deméter passa a procurar a filha por todos os cantos do mundo. Sem obter resultado, e já entrando no décimo dia de procura, Deméter se depara com a deusa Hécate que porta duas tochas e pode ouvir os gritos da deusa Perséfone. Hécate apesar de ter ouvido não

pode ver quem era o raptor da jovem deusa, então Hécate leva Deméter até Hélio, o deus sol que tudo vê. O deus sol diz à Deméter que o responsável pela situação é o próprio Zeus, que permite que Aidoneu, leve à força a deusa Perséfone para que ela se tornasse sua esposa.

Hélio mesmo entendendo a dor de Deméter tenta confortá-la dizendo que por pior que seja a perda da filha, o partido não era indigno, pelo contrário, Aidoneu dos partidos era o melhor. Além de ter um domínio próprio, que era o submundo, e soberano e comandante de todos os seres que lá habitam.

A partir deste momento, mesmo Deméter sabendo onde se encontrava a filha, e sabendo que não poderia fazer nada em relação a isso fica devastada. A deusa passa a se privar de seus privilégios de deusa, se traça como uma senhora comum e vai para a terra. A partir disso nada mais brota no solo mortal e os homens passam a ter dificuldade para se alimentar. A senhora é encontrada pelas filhas de Celeu, o Eleusinida.

Viram-na as filhas de Celeu, o Eleusinida,"
quando iam até a água fácil de puxar, a fim de levarem
nos baldes de bronze para o paço do pai –
eram quatro, como deusas, tinham a flor da
juventude: Calidice, Cleisidice, a encantadora Demo
e Calitoé, que delas todas era a mais velha,
e não a reconheceram. Díficeis são os deuses de serem vistos pelos
mortais.
Colocando-se perto dela, aladas palavras lhe dirigiram:
"Quem és e vens de onde, velha, dentre os homens antigamente
nascidos?
Por que enfim longe da cidade foste e não te aproximaste das nossas
casas?
Lá há mulheres nos paços sombreados,
tão idosas, assim como tu, e mais jovens,
que te dedicariam amizade seja com palavra seja com ação.
Assim falaram, com estas palavras respondeu-lhes a soberana das
deusas
"Filhas queridas, quem quer que sejais dentre as mais femininas
mulheres,
eu vos contarei, alegrai-vos. Não é por certo inconveniente,
para que perguntastes, a verdade contar.
Dos é meu nome. Pois colocou-o minha soberana mãe
(HOMERO, *Hino Homérico à Deméter*, V 105-122)

Neste trecho o aedo narra que quando as jovens estão a caminho do poço para pegar água elas veem a senhora e a chamam para trabalhar na casa de seu pai. Deméter passa a cuidar do filho mais novo, Demofonte. A deusa se apega à criança e tenta torná-lo um ser imortal através de um ritual de fogo. A mãe da criança a impede

de fazer isso pois ela não entende o que está acontecendo. A criança não se torna imortal, mas foi glorificada por mortais.

Deméter se apresenta como deusa e ordena que construam um templo para ela em Elêusis, onde ela ensina os homens a agricultura e onde também ela se lamenta pela perda da filha.

Zeus pede à deusa Íris para convencer Deméter a voltar ao convívio dos deuses, e para que ela volte a prover os alimentos para os homens mortais, o que a deusa recusa. Zeus, sem encontrar saída para essa questão manda o deus Hermes até o submundo para pedir ao deus Aidoneu permitir que Perséfone volte para a mãe. O deus soberano do Hades permite que Perséfone volte para o convívio com a mãe e com os outros deuses. Nesse momento o aedo nos apresenta que Aidoneu sugere a Perséfone que ela coma algumas sementes de romã, assim ela retornaria ao submundo como rainha.

Com a volta de Perséfone, a deusa Deméter comemora e a deusa Hécate aparece para acarinhar Perséfone. As deusas mãe e filha voltam para o convívio com os deuses e Hécate passa a ficar responsável pelas idas e vindas de Perséfone ao mundo dos mortos.

No *Hino Homérico à Deméter* notamos que o aedo não nos transmite a mesma Hécate que existe na *Theogonia*. A deusa que conhecemos aqui, parece ser mais simples, mesmo postando algumas honras que possui na obra anterior. Hécate nos é apresentada portadora de tochas, quando aparece no décimo dia para ajudar Deméter. É intermediária, pois intermedia a comunicação de Hécate e Hélio. Condutora, pois tanto conduz Deméter até Hélio quanto ao final Perséfone. E Ctônica, já que pode entrar e sair do submundo. A deusa ainda é poderosa, porém a partir daqui podemos ver sua forte associação com o mundo dos mortos graças a deusa Perséfone.

A próxima obra que incluiremos neste trabalho são os Hinos Órficos. A obra é difícil de datar, estima-se que a escrita vem da idade helenística tardia, no início da Roma imperial. Alguns autores como Antunes estimam que a escrita da obra vem dos séculos II a IV aEC. O hino foi escrito por volta desses séculos, porém o culto é bem mais antigo.

Os *Hinos órficos* são uma coletânea de 88 hinos hexamétricos, acompanhados, em geral, de oferendas e de autoria incerta, mas atribuída à figura mítica de Orfeu², datando do período imperial, em torno dos séculos 2 a 4 d.C.3. Esses poemas teriam sido

provavelmente executados durante ritos iniciáticos e místicos de cunho órfico-dionisíaco⁴, em um momento em que a devoção a diversas divindades citadas na compilação já se encontrava em estado sincrético (ANTUNES, 2015, p. 59).

De acordo com Antunes, *Os Hinos Órficos* são atribuídos à figura de Orfeu. Os dez versos iniciais do texto são dedicados à deusa Hécate e nos apresentam bastantes atribuições a ela. Podemos notar que nesta obra a deusa se difere bastante das outras apresentadas.

Viária Hécate invoco, a amável senhora Trívia,
Celeste, Terrestre e Equórea, do peplo cor de açafão,
Bacante dos cemitérios na dança com os abantesmas,
Perseia, amiga dos ermos, a que se compraz com os cervos
E os cães protege, noturna, insuperável rainha,
A imbatível, sem peia, bramante, de tredo vulto,
Tomba-Touros, detentora das chaves de todo o cosmo,
Nupcial e nutriz, nas serras vagante, régia:
A teu suplicante vem nos sacrossantos mistérios,
Benévola, de ânimo sempre afável pra o Boiadeiro
(*HINOS ÓRFICOS*, 2015, v. 1- 10).

Os dez versos acima são os atribuídos a deusa Intitulado *Hino a Hécate*. Os hinos nos apresentam atribuições inéditas à deusa, porém podemos notar uma grande influência da *Theogonia*, pois algumas atribuições são as mesmas e são apresentadas de maneira similar. Os *Hinos Órficos* assim como os *Hinos Homéricos* são frutos de um culto. Mais uma vez a deusa não é protagonista do culto no qual está inserida, porém os hinos órficos não possuem uma história continuada, os hinos são mais orações e invocações aos deuses.

Pertencente ao Helenismo tardio, onde de acordo com Vernant (2018, p.81-82) ganhou mais amplitude, as doutrinas do orfismo tinham como finalidade a busca de uma salvação. Ao contrário dos Mistérios, o orfismo era uma corrente religiosa, sendo mais próximo das religiões estabelecidas posteriormente.

Começemos pelo primeiro aspecto do orfismo: uma tradição de textos escritos, de livros sagrados. O papiro de Derveni, encontrado em 1962 num túmulo perto de Salônica, prova que, no século V e sem dúvida já no século VI, circulavam teogonias que os filósofos pré-socráticos podem ter conhecido e nas quais Empédocles parece ter se inspirado parcialmente. Assim, um primeiro traço do orfismo aparece desde a origem: uma forma "doutrinária" que o opõe tanto aos mistérios e ao dionisismo quanto ao culto oficial, para aproximá-lo da filosofia (VERNANT, 2006, p. 82).

Mesmo se aproximando da ideia de uma “religião” ainda não era o que pode conhecemos como uma. Mesmo com texto escrito, normas estabelecidas, e indo contra os cultos da cidade o orfismo ainda não era uma religião.

Contrariamente às grandes religiões como as conhecemos hoje, grega não possuía livro de dogmas ou textos sagrados. De acordo com Walter Burkert, em *Greek Religion* (1985, p. 4), mesmo os Mistérios Órficos, culto que se destacou na antiguidade por não seguir o padrão dos cultos tradicionais, apesar de possuir um livro de cunho religioso, não pode ser comparado a livros como Veda e Torá, já que seu conteúdo era de poesia, predominantemente, e não dogmático. Em consonância a isso, Vernant (2012, p. 13) anota: "Assim como outros cultos politeístas, [a religião grega] é estranha a toda forma de revelação: não conheceu nem profeta nem messias" (CARVALHO, 2019, p.16).

Mesmo com várias características que pertencem ao que se estabelece como religião, se torna anacrônico chamar o Orfismo de religião mesmo que se aproxime do que temos como.

As três obras são importantes para trabalharmos a deusa Hécate, é nítido que a deusa nos é apresentada de três maneiras diferentes, cada uma foi escrita em um tempo e em uma sociedade específica que possuía um imaginário próprio de Hécate. Nos *Hinos Órficos* o poder da deusa retorna e com ele algumas atribuições vistas como negativas surgem como sua ligação com cemitérios, fantasmas descritos nos versos.

Nos é claro que os hinos órficos são pautados na *Theogonia*, quase como uma inspiração para tratar da deusa. Porém na *Theogonia* não existiam atribuições negativas destinadas a Hécate. A deusa mesmo tendo acesso as três camadas do cosmos não é mencionada no submundo ou envolvida em qualquer atividade noturna.

Segundo Haiganuch Sarian (1997, p. 15), Hécate pode ser um epíteto da deusa Ártemis e, ao mesmo tempo, o nome próprio de uma divindade de origem asiática. No entanto, conforme Gilvan Ventura da Silva (2003, p. 215), não devemos confundir a Hécate ctônica (de caráter subterrâneo), possuidora de três faces e principal divindade evocada nas práticas de cunho mágico, com a Hécate celeste, associada à Ártemis, deusa da caça, associada à lua e ao mundo selvagem e feminino. Apenas a primeira teve seu culto desenvolvido no mundo latino, onde foi denominada de Hécate Trívia e muitas vezes associada à deusa egípcia Ísis e à Perséfone, senhora do submundo (FIGUEIREDO, SILVA, 2020, p. 239).

Segundo Semíramis Corsi Silva e Daniel de Figueiredo existiam duas imagens da deusa Hécate. A deusa que se associava a Ártemis e ao Olimpo, e a Tricéfala

Ctônica. Apenas a Hécate ctônica teve seu culto desenvolvido no mundo latino onde recebe suas denominações e associações.

O que liga os *Hinos Órficos* ao *Hino Homérico à Deméter* e a ligação com os mistérios pois os dois possuem essa finalidade ritualística. Já a *Theogonia* e os *Hinos homéricos* possuem uma ligação mais voltada para a sua própria história, já que os dois citam o rapto de Perséfone.

Notamos que as obras nos apresentam Hécate de diferentes maneiras, como se cada obra apresentasse uma faceta de Hécate. Na *Theogonia* Hécate é uma divindade benévola, bem relacionada e poderosa. No *Hino Homérico à Deméter* a deusa nos é apresentada de forma mais tímida, recebendo suas *timái* ao longo da obra. Por último, nos *Hinos Órficos* as atribuições de poder retornam, porém não retornam com as atribuições de caráter positivo que a deusa já possuiu na *Theogonia*. A deusa estava inserida em alguns cultos na antiguidade tardia, alguns não sobreviveram ao império romano que se instala posteriormente. A possibilidade da sobrevivência apenas de um culto mais obscuro voltado a figura, considerada no período arcaico como negativa, é plausível.

É muito importante entendermos as obras onde a deusa está inserida para termos um contexto amplo da representação dela na antiguidade. Para melhor construção da figura mítica de Hécate é necessário abordar as atribuições, símbolos e a deusa dentro dos cultos de mistério. No próximo capítulo exploraremos mais os cultos e os símbolos atrelados à deusa.

2. Imagem, cartografia e associações da deusa

Dize isso a ele... E mais: que ele venha para cá com a sacola cheia de muito tremoço, e, se em alguma encruzilhada ele topa com um jantar preparado para Hécate ou um ovo de alguma purificação ou alguma coisa desse tipo, que o traga.

Luciano, Diálogos Com Os Mortos.

Neste segundo momento buscaremos apresentar as representações de Hécate de acordo com o imaginário grego, do arcaico até meados do clássico. A deusa é representada dentro das obras e através de objetos atribuídos a ela. Para trabalhar esse capítulo se faz necessário entendermos os conceitos de representação e imaginário.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1988, p. 17)

De acordo com Chartier as representações são construídas de acordo com as conveniências dos indivíduos que as estabelecem, sempre dependendo da posição de quem os utiliza. As representações são objetivas e podem nos revelar muito mais sobre o indivíduo que representa do que sobre o que ou quem está sendo representado.

Na obra *Theogonia*, a deusa é apresentada com várias atribuições e acessos a camadas do cosmos. Nota-se que essa Hécate poderosa ela não possui uma continuidade nem na própria obra nem nas práticas dos cultos. A representação que Hesíodo faz pode sim dizer que o poeta possuía alguma ligação com um culto da deusa.

Essa definição de representação possui uma forte ligação com o conceito de imaginário. O antropólogo Gilbert Durand nos esclarece que a noção do que é a morte faz os indivíduos aderirem a imaginação na tentativa de transformar o significado desse momento angustiante em algo consolador.

Durand desenvolve a ideia de que, frente à angustiante consciência da morte e do devir, o homem adota atitudes imaginativas que buscam negar e superar esse destino inevitável ou transformar e inverter seus significados para algo reconfortante. Essas atitudes imaginativas resultam na percepção, produção e reprodução de símbolos, imagens,

mitos e arquétipos pelo ser humano. Esse conjunto de elementos simbólicos formaria o “imaginário”, cuja principal função seria levar o homem a um equilíbrio psicossocial diante da percepção da temporalidade e, conseqüentemente, da finitude (ANAZ *ET ALII*, 2014, p.6).

Essa atitude, segundo o autor, resulta na produção de percepções, símbolos, imagens, mitos e arquétipos que assim formaria o imaginário.

Hécate e representada de possui uma representação diversificada do período arcaico até meados do clássico, essa representação muda em decorrência de vários fatores e em relação a como os aedos percebiam e passavam adiante as narrativas que envolviam a deusa. A seguir veremos algumas representações atribuídas a deusa na antiguidade.

2.1 A representação nos Hinos.

O hino a Deméter foi escrito por volta do século VII aEC., assim como a *Theogonia* possuem um caráter cultural. De autoria anônima o hino possui caráter ritualístico e emula os versos homéricos.

Hinos homéricos (...) é o título tradicional de uma antiga coleção de 33 poemas dedicados a 22 divindades gregas - Afrodite, Apolo, Ares, Ártemis, Asclépio, Atena, Deméter, Dioniso, Dióscuros, Gaia, Hefesto, Hélio, Hera, Hércules, Hermes, Héstia, Musas, Pã, Posídon, Reia, Selene e Zeus -, com invocações, relatos míticos, atributos, preces e raras menções a festivais religiosos. No total, a coleção tem 2.227 versos, o que equivale, aproximadamente, a dois livros da *Ilíada* ou da *Odisseia*, obras que foram também atribuídas a Homero na Antiguidade (RICHARDSON, 2010, p. 40).

Já foi dito que a deusa não possui participação frequente ou sequer é uma das protagonistas do enredo, porém Hécate tem uma participação importante para o desenrolar da narrativa.

A deusa é introduzida no hino após o rapto da deusa Perséfone. A deusa vai até Deméter, na tentativa de ajudar a deusa que se encontrava desesperada. Em sua fala no hino podemos perceber que a deusa se compadece com a situação da deusa Deméter e diz toda a verdade a ela.

"Soberana Deméter, trazedora das estações, de esplêndidos dons, qual dos deuses celestes ou dos homens mortais raptou Perséfone* e afligiu teu ânimo amável? Pois ouvi a voz, porém não vi com meus olhos quem quer que fosse. Digo-te a verdade toda". (HOMERO, Hino Homérico à Deméter. V. 54-58).

Nesta passagem temos as falas da deusa. Em nenhuma outra obra que trabalhamos Hécate possui falas ou nos passa algum posicionamento específico, já á ela no *Hino Homérico à Deméter*, são atribuídas falas. Nesta passagem notamos que a deusa possui certo apreço a Deméter e se demonstra preocupada com o paradeiro de Perséfone já que isso machuca tanto a deusa da agricultura.

A participação é importante mesmo que breve. Ela é a única deusa que se propõe a ajudar Deméter já que os outros deuses não vão contra os desígnios de Zeus. Carvalho (2019) diz que as outras divindades olímpicas tem conhecimento do acontecido, e assim como Hécate e Hélio podem ver ou ouvir, porém não agem em relação a isso pois foi um plano arquitetado pelo Crônida. (CARVALHO, 2019, p. 48).

Hécate é uma deusa que na *Theogonia* pode intervir em determinados assuntos, se ela quiser, pois nem Zeus se oporia a ela. No hino homérico podemos notar que Hécate intervém por Deméter, se opondo a Zeus, quando nenhum outro deus chega a fazer, com a exceção de Hélio.

Ao final do hino nota-se que a deusa, no verso 404, ainda passa a acompanhar a deusa Perséfone em suas idas e vindas do submundo. Hécate faz parte deste mitologema em que não é protagonista, porém não deixa de ser relevante para a história. O hino homérico e a narrativa um mito, os hinos órficos são quase uma oração, sua construção se assemelha mais com a *Theogonia* do que com o hino atribuído a Homero. As duas obras, apesar do caráter ritualístico, têm abordagens diferentes, em Homero Hécate não é protagonista e não tem uma aparição frequente, no *Hino Órfico* temos a deusa sendo invocada e a ela sendo atribuídas várias honras.

No *Hino Órfico* 1, Hécate é mostrada com a mesma projeção cósmica que lhe confere a *Theogonia* hesiódica, mas destacando-se as suas ligações com a lua e com os infernos- coisa, de resto, sempre acentuada nos textos a ela referentes (SERRA, 2015, p. 325).

O autor Ordep Serra ainda diz que o *Hino Órfico* mostra as diversas facetas da deusa e destaca a amplitude de seus poderes. A deusa e a figura iniciática do hino, sendo a primeira que aparece mais também sendo associada aos iniciáticos. O hino a Hécate se caracteriza como o primeiro tanto por sua associação em cuidar dos iniciáticos dos cultos Eleusinos quanto dos órficos, mas também por hekateion serem colocadas nas entradas das casas para proteção.

Sua imagem, muitas vezes triface, era geralmente colocada na entrada de templos, de edificações importantes, ou mesmo de residências. Em suma, o *Hino Órfico* 1 tem o valor de um *hekátaion*, ou seja, de uma dessas estátuas (ou capelas) dedicada à deusa

tremenda que tinha o domínio das vias, das passagens e dos pórticos. (SERRA, 2015, p. 328)

Hino a Hécate é o que inicia a coletânea de hinos atribuídos a figura de Homero. Hécate, graças as atribuições dos Hinos órficos recebem uma imagem negativa

Percebemos que, a partir do século V a.C., a deusa Hekate foi adaptando-se ao contexto social do período Clássico; ela não foi excluída totalmente da sociedade, e sim marginalizada pelo novo saber emergente da escola de medicina hipocrática. Percebemos aqui a luta pelo domínio do imaginário social através de novas técnicas de combate que visavam à constituição de uma imagem desvalorizada do adversário, procurando em especial invalidar a sua legitimidade, o que Baczkó denomina contra-imaginário (CARNEVALE, 2012, p. 62 *apud* BACZKO, op. cit., p. 300).

A deusa é construída como poderosa e capaz de fazer o que quiser sem que outra deidade tenha poder para detê-la, porém ao mesmo tempo não vemos grandes feitos vindos dela. Na *Theogonia* podemos ver diversas atribuições a Hécate, porém nenhuma é própria e característica da deusa.

Do verso 412 a 415 é narrado que a deusa compartilha honras no mar, na terra e no céu, deixando claro que esses domínios não pertencem a ela, ela apenas tem acesso a eles e pode utilizar para ajudar seus fiéis.

(...) Hécate a quem mais
Zeus Cronida honrou e concedeu esplêndidos dons,
ter parte na terra e no mar infecundo.
Ela também do Céu constelado partilhou a honra
e é muito honrada entre os Deuses imortais.
(HESÍODO, *Theogonia*. v. 412-415)

O texto deixa claro que as atribuições não pertencem à deusa quando é mencionado que ela “partilha” honras e não as possuem o que é comum em todas as obras gregas que trabalhamos. Mesmo que Hécate seja representada de maneiras diferentes a deusa permanece partilhando honras.

No *Hino a Homérico Deméter* podemos notar que quando Hécate aparece ela está portando duas tochas, nesse momento podemos analisar que a deusa traz a luz para as dúvidas e um acalento para a dor que a deusa da agricultura estava sentindo. Mesmo assim a deusa Deméter também porta as tochas, mesmo com um significado diferente, ser porta archote não é uma *timaí* exclusiva de Hécate.

Quando ao final do hino ela fica responsável por levar e trazer a rainha do submundo, não temos como saber se ela já era psicopompa ou foi uma atribuição

dada a ela em decorrência da narrativa. Possuindo essa *timaí* desde sempre ou não, a deusa passa a dividi-la com outras divindades que também são capazes de ir e vir do submundo, levando e trazendo a deusa.

Até sua intermediação poderia ser feita por outro deus como Íris e Hermes, a questão é que outros não poderiam desafiar as decisões de Zeus, que só permitiu que a rainha do submundo retornasse, pois caso contrário Deméter não deixaria mais os alimentos brotarem e poderia matar todos os homens mortais.

Nos hinos órficos, as atribuições que não vem da *Theogonia* e a deusa já divide com outros, também contém certa ligação com outras divindades. Porém no caso dessa obra a deusa também recebe algumas características próprias. Essa mesma atribuição é dada a Ártemis em outros momentos. Serra (2015), em seu artigo “Sobre O Hino Órfico 1” nos diz que Ártemis e Hécate dividem algumas representações como Kourotropos, portadora de tochas, senhora das feras e suas atribuições lunares (SERRA, 2015, p.326)

Hécate também possui atribuições inéditas nos hinos órficos como Peplo açafraão, bacante de cemitérios. algumas dessas atribuições possuem um caráter negativo

Quando a deusa é dita com o “peplo açafraão” quer dizer que a deusa possui uma túnica com uma cor alaranjada. A mesma cor do cabelo da deusa Perséfone.

A atribuição bacante de cemitérios já relaciona a deusa a uma visão mais sombria da deusa.

“Afável com o boiadeiro” se liga a sua ligação com Hécate com o deus Hermes. Sabemos que o hino a Hécate do orfismo se assemelha bastante ao hino contido na *Theogonia* de Hesíodo. Na *Theogonia* a deusa se relaciona a Hermes no final do hino.

A imagem de Hécate é construída como de uma deusa poderosa, com relações diretas com deuses variados e seus domínios abrangentes. Apesar de não ter seus domínios próprios a deusa poderia utilizar os domínios pertencentes a terceiros sem nenhuma dificuldade ou objeção, já que Zeus não se opõe a ela e as outras deidades não se opõe a Zeus.

Suas atribuições consideradas negativas vêm no Helenismo tardio e são expostas nos hinos órficos quando a deusa é relacionada a cemitérios, sepulturas e fantasmas. Essas atribuições são posteriores a *Theogonia* e ao hino a Homérico Deméter, inclusive nos parecem inéditas em relação à deusa. Outras atribuições que surgem é a de guardiã de chaves e protetora das cidades.

Essas atribuições são importantes para entendermos um pouco do culto que a deusa Hécate tinha na cidade de Lagina, na Cária.

O *Hino Órfico* à Hekate chama nossa atenção ao intitular a deusa de Portadora da Chave do Mundo, o mesmo título que a deusa recebe em Lagina (atual Turquia), onde possui um templo, de acordo com Estrabão, o mais famoso do local, atraindo assim muitas pessoas todo ano (CARNEVALE, 2012, p.122).

Por isso a deusa não é reconhecida por seus poderes, porque nenhum é exclusivo dela. Mesmo dividindo times com outras deusas, alguns autores trabalham com algumas atribuições da deusa que a deusa possui. A autora Tricia Magalhaes Carnevale nos apresenta tabelas com um estudo sobre essas atribuições (CARNEVALE, 2012, p.53- 57).

Carnevale nos apresenta algumas atribuições da deusa Hécate, são eles *Prophylaia, Porpolos, Phosphoros, Kourotrothos e Chthonia*. A autora nos diz que a deusa, mesmo não sendo reconhecida por essas competências, pois não as tem como um domínio próprio, teria relação com cada uma delas.

Phophylaia seria a proteção que a deusa dava aos viajantes nas estradas. Essa atribuição relaciona-se a proteção de caminhos, e encruzilhadas, que são o encontro de três estradas.

Oferece proteção nas entradas. O ritual realizado nessas passagens pode apresentar três funções básicas: estabelecer um limite para proteger o que está dentro do mundo exterior, ajudar viajantes ao partir e retornar para a entrada e, por último, vigiar o movimento transitório pela entrada (CARNEVALE, 2012. p. 37).

Carnevale nos diz que essa competência estabelece um limite de proteção territorial do que possa vir do exterior. Também podemos notar uma menção parecida na cidade de Lagina onde são atribuídas Hekataias à deusa com o intuito de proteger a cidade ou casas de negatividades exteriores.

À deusa podemos notar que desde o *Hino Homérico à Deméter* é dedicada a função de guia graças à deusa ter levado Deméter até Hélio e ao final do hino ser atribuída a função de guiar Perséfone até o submundo e de volta para a terra. *Porpolos* tem esse significado ter a capacidade de guiar, pela deusa ter acesso as 3 camadas do cosmos ela poderia guiar mortais e imortais.

Rudloff argumenta acerca da característica pessoal desta função de guiar e acompanhar alguém como forte representação da deusa em um ou mais dos três maiores mistérios que está envolvida: Elêusis, Samotrácia e Argos. O autor acredita que este epíteto era como se a

deusa guiasse os novatos nos Mistérios de Deméter e Perséfone (CARNEVALE, 2012. p. 40).

O mais peculiar dessa função é a deusa poder guiar as almas dos mortos pelos caminhos do submundo se caracterizando como uma deusa ctônica.

Quando se referem a Hécate como *Phosphoros*, significa que à deusa é atribuída a função “porta tochas”. Carnevale aponta que essa atribuição à deusa pode significar a relação da deusa com o nascimento.

Tochas são atributos comuns às deusas que protegem o parto. Segundo Rudloff 100, o fogo associa-se ao nascimento como elemento purificador e de higiene. Entretanto antes do V século a.C. a deusa não é associada aos nascimentos e mesmo depois, brevemente no friso do templo em Pergamon (norte do litoral da atual Turquia) no nascimento de Zeus. Por tal razão, Rudloff não acredita que a deusa esteja associada com tochas pela mesma razão que as outras deusas: o nascimento (CARNEVALE, 2012, p. 41).

As tochas se ligam à purificação e higiene graças ao fogo que era o elemento que contribuía para a esterilização de objetos e com a limpeza protegendo tanto o bebê quanto a mãe. Essa atribuição pertence a outras deusas que também são associadas a tochas se tornando algo em comum entre essas divindades. Essa competência também pode se relacionar com Kourotrophos, que seria a proteção de jovens.

Carnevale ainda nos diz que a deusa divide a honra Kourotrophos com várias outras divindades, notamos que todas femininas. Carnevale nos diz que a educação dos meninos até 7 ou 8 anos era responsabilidade feminina.

A mulher ateniense desde a infância vivia reclusa no *gineceu* (espaço da casa reservado às mulheres), salvo eventos com seu casamento e festas religiosas promovidas pela *polis* como as *Antestérias*. Sua principal função era casar e prover filhos. Educava os meninos até 7 ou 8 anos, idade em que deixavam o *gineceu* e ficavam aos cuidados de um pedagogo ou preceptor a fim de aprender Gramática, Música e Ginástica. As meninas, entretanto, permaneciam ali até seu casamento, quando casadas permaneciam no *gineceu* da casa do esposo. Às mulheres também cabiam os cuidados com o corpo do morto (CARNEVALE, 2012, p. 44 nota de rodapé).

Não nos parece incomum uma figura feminina, com associações femininas ligada à educação. As mulheres estão ligadas ao gineceu toda a vida, na infância, por serem crianças e precisarem do amparo e instrução da mãe; na vida jovem pois elas recebem educação direta da mãe; e na fase adulta onde elas passam esse conhecimento para seus filhos, a mulher nunca chega a sair da educação materna.

Os meninos saem para serem cuidados pelo pai ou pelo Paidagogos (παιδαγωγός), que conduziam o conhecimento das crianças na antiguidade (CARNEVALE, 2012, p. 44 nota de rodapé).

A atribuição *Chthonia* da deusa vem do helenismo tardio, o que fica claro nos *Hino Homérico Homéricos*, mas também se encontra em outros documentos. Um exemplo que temos é a obra de Luciano, “*Diálogo dos Mortos*” onde o personagem Menipo, que está morto e tentando fazer a travessia com o barqueiro Caronte não consegue pois não tem moedas para pagar a travessia. Caronte então pergunta a ele o que tem na mochila e ele diz que tem o jantar de Hécate (LUCIANO, Diálogos Com Os Mortos, diálogo II. P 55)

Nota-se que o personagem leva uma espécie de oferenda para Hécate sabendo que ela se encontra no mundo avernal. De acordo com Henrique Machado, 2008, Luciano nasceu entre 115 e 120 dEC. Nesta época a deusa já havia conquistado as atribuições consideradas negativas e já seria uma divindade associada à magia e aos mortos.

Quase todas as divindades gregas podem carregar o título de ctônia, pois qualifica a fertilidade, as colheitas, o parto, o destino e a morte. Assim como Rudloff 120, acreditamos que a ênfase dada a este título para Hekate foi propositalmente à intenção de diferenciá-la de Artêmis. E também graças a essa qualidade que Hekate se relacionou com outras divindades ctônicas como Hermes, Perséfone e Cérbero (CARNEVALE, 2012, p. 41).

A associação de Hécate com divindades com domínios subterrâneos está mais visível nas obras que trabalham associadas a cultos. Na *Theogonia* a deusa não é associada a domínios subterrâneos mesmo que ela seja citada nas três camadas. Após o hino a Deméter ela recebe essa atribuição graças a seu papel nos mistérios. Com o tempo essas atribuições se tornaram mais corriqueiras principalmente relacionados aos cultos religiosos.

2.2- Cartografia| Arqueologia das funções de Hécate

Hécate, deusa abrangente, com poderes convenientes a seus adoradores e inserida no culto de outras divindades, estava presente em vários cenários na Grécia. vestígios da deusa do século VIII aec ao II ec. Trícia Magalhães Carnevale em sua obra, “*Hekate, de deusa ctônica dos atenienses do período clássico à deusa da feitiçaria no imaginário social do Ocidente*”, faz um estudo sobre os locais de culto à

deusa Hécate, a partir deste podemos ver algumas atribuições e símbolos que a deusa possuía nesses locais. A autora destaca Atenas, Tessália, Beócia, Elêusis, Sicília, Cária, Aigina, Samotrácia, Trácia, Argos, Frígia, Jônia e Ilhas Egeias.

Em Athenas a autora destaca que havia um templo triangular que provavelmente foi dedicado à deusa retratada em Hesíodo. O templo ficava na Ágora e pertence ao século VII aec. A arqueologia não nos diz muito, porém é bastante relevante para a deusa possuir essa presença dentro da Ágora.

De acordo com Carnevale, na Tessália associa a deusa a *Enodia* em *Pheráia* com o deus Hélio, com alguns símbolos que a deusa era associada na época. Sua associação com Enodia para Carnevale se inicia quando Sófocles chama a deusa de Enodia (CARNEVALE, 2012, p. 64). Posteriormente vemos que Enodia possui certas semelhanças a deusa Hécate, de acordo com a autora “Enodia, seria um título para a deusa Pheráia e seus símbolos seriam um cavalo, um cachorro e uma tocha, estes dois últimos comumente associados à deusa Hekate” (CARNEVALE, 2012, p. 64). A autora ainda diz que Hécate também possui associações a cavalos pois na *Theogonia* ela é descrita como “diligente entre os cavaleiros”.

Sua associação como deus Hélio na Tessália se dá quando Sófocles o invoca para alimentar as chamas das tochas de Hécate.

Conforme Jebb, acreditamos na associação de *Hekate* e Hélio, o deus Sol, quando o dramaturgo evoca o soberano Sol. Para além da hipótese do pesquisador, não seria uma associação somente: Sol + Lua, mas uma relação de complementaridade, pois ambos são deuses titãs, e aqui, Hélio sugere alimentar os archotes da deusa, assim ela carrega a luminosidade e sacralidade do fogo ao mesmo tempo em que apresenta seu lado ctônio ao carregar archotes, transpassar encruzilhadas e ter os cabelos entrelaçados com cobras ou ter o corpo enrolado por cobras (CARNEVALE, 2012, p. 64).

Na Tessália podemos notar associação de Hécate a alguns símbolos que permeiam o imaginário em relação à deusa como tochas, cobras, cães, e até cavalos.

Carnevale destaca que a relação de Hécate com a Beócia se dá por ser a Terra natal do poeta Hesíodo que destina à deusa o Hino a Hécate na *Theogonia*.

A Ligação de Hécate com Elêusis no século VIII aec, está relacionada com os mistérios de Deméter e Perséfone. O hino tem origem no culto então o fato da deusa estar presente na narrativa nos diz que ela já tinha alguma participação nos mistérios.

Aqui (em Elêusis) se localiza o santuário das deusas Deméter e Perséfone, cuja narrativa mítica de Homero o Hino Homérico à Deméter, sobre rapto e retorno da filha de Deméter, Perséfone, traz a

deusa Hekate para Elêusis. Tendo assim, participação nos Mistérios de Elêusis (CARNEVALE, 2012, p. 64).

Quando a deusa é dita sendo levada por Perséfone, quer dizer que graças a necessidades da deusa Perséfone, Hécate se faz presente no culto. Essas necessidades incluíam as *timai* da deusa Kourotrothos, porta tochas, sua ligação com alguns símbolos e o fato de a deusa ser psychopompo. As tochas representam a capacidade da deusa de guiar

Em Lagina, alguns símbolos intrigantes são atribuídos à deusa como as chaves e sua ligação com os portões. Carnevale também faz uma análise sobre as atribuições da deusa presentes nessa cidade que a autora chama de “Lar da deusa Hécate”. Kleidos Pompe, era uma procissão dedicada a figura de Hécate, o evento acontecia em meio a Hekatesia, um festival anual que ocorria anualmente em Lagina.

De acordo com Carnevale existia um templo no século II aec dedicado à deusa localizando-se na Cária, Asia Menor, na cidade de Lagina, atual Turquia. por questões políticas os romanos expandiram o culto da deusa a todo o Mediterrâneo; segundo um quadro exposto no trabalho de Carnevale (2012, p. 65). Neste templo a deusa era venerada e em sua honra acontecia um festival onde acontecia uma procissão, como vemos no texto de Carnevale(2012, p.63).

Entre o III e I séculos a.c. Hekate será associada à protetora dos portões simbolizada através de uma chave carregada pela deusa. Inclusive, em Lagina, no festival de Hekatesia, é realizada a procissão da chave (kleidos pompe) durante o I a.C. conforme corrobora a arqueóloga Christina Williamson. As principais evidências que dispomos sobre a relação entre a deusa e as chaves, de acordo com Rudloff são: o *Hino Órfico* à Hekate (III-II a.C.) onde a deusa é chamada de portadora da chave (kleidouchos), a kleidos pompê (I a.C.) na Ásia Menor e os Oráculos Caldeus (II d.C.) (RUDLOFF, op. cit., p. 95 *apud* CARNEVALE, 2012, p.63).

Por volta do século II aec alguns festivais eram realizados no templo. De acordo com Carnevale, existiam os rituais *Hekatesia* que acontecia anualmente, o *Hekatesia Romana* que era realizado a cada 4 ou 5 anos, o anual *Kleidos Pompe*. Todos realizados no templo de Hécate e contendo o patrocínio da deusa (CARNEVALE, 2012, p. 127).

O festival da Hekatesia-Romaia ou pentaeteria se caracterizava por reunir a deusa Hekate Soteira Epiphaneia (redentora notória) e a deusa Roma Thea Euergetes (deusa beneficente) em um festival realizado a cada cinco anos. Nesse festival provavelmente se realizava o Kleidos Pompe, a procissão em que a chave sagrada de Hekate era levada para o centro da cidade, em um movimento inverso

às procissões tradicionais em que se movia da cidade para a área rural (CARNEVALE, 2012, p.128).

Zeus é uma figura que se liga à deusa em algumas narrativas. Ele está presente na *Theogonia* atribuindo domínios e funções a Hécate, porém esse não é o único momento em que as duas divindades se encontram. Já sabemos que o *Hino Homérico à Deméter* é uma obra onde os dois deuses se encontram, mesmo que eles não contracenem na narrativa os dois estão presentes. No entanto existe a relação de Zeus e Hécate em Lagina. Carnevale nos revela que em Lagina a deusa e o Crônida eram possivelmente cultuados juntos.

De acordo com Williamson, no século II d.C., foi encontrada uma inscrição referente aos festivais tanto de *Hekate* quanto de Zeus (*Panamaros*), por gratidão pelas intervenções milagrosas de ambos os deuses, sugerindo assim que ambos eram cultuados juntos. (CARNEVALE, 2012, p.128-129)

A ligação de Hécate com Zeus foi abordada primeiramente na *Theogonia* e podemos notar que mesmo séculos depois as duas divindades são associadas. Mesmo que Hécate e Zeus não possuam frequentes associações podemos notar que a *Theogonia* perpassou o imaginário de seu contexto inicial.

Em Lagina já comentamos que acontecia uma procissão denominada *Kleidos Pompe Carnevale* nos apresenta que que acontecia no festival de *Hekatesia* por volta do século I aec. A deusa era associada as chaves desde o século III aec pois as chaves simbolizavam a deusa como protetora dos portões.

As principais evidências que dispomos sobre a relação entre a deusa e as chaves, de acordo com Rudloff são: o *Hino Órfico à Hekate* (III-II a.C.) onde a deusa é chamada de *portadora da chave (kleidouchos)*, a *kleidos pompê* (I a.C.) na Ásia Menor e os Oráculos Caldeus (II d.C.) (RUDLOFF, 1999, p. 95).

Nos *Hinos Órficos* a deusa é ligada a chaves quando Hesíodo atribui à deusa o domínio das camadas do cosmo “Tomba-touros detentora, detentora das chaves de todo o cosmos” (*HINO ÓRFICO, A Hécate, 2015. v 7*). Joana Vieira Varela diz que existia um ritual dedicado à deusa que incluía a abertura de portões que se relaciona a capacidade de Hécate abrir as portas para coisas boas e fechar para as ruins. A autora ainda nos revela que a posse dessas chaves são um símbolo de poder pois além de se relacionar com a abertura das portas do Hades para guiar as almas, também tem relação com as chaves representarem a dona da casa (VARELA, 2015.p, 12)

Durante a procissão em Lagina, a sacerdotisa de Hécate levaria consigo uma chave, ainda que alguns autores refiram que seria apenas uma chave do templo, a maior concorda que esta seria uma metáfora para a chave da deusa e, como tal, expressava a sua natureza. (...) Este ritual poderia ainda estar ligado à visão grega mais tardia de Hécate como guardiã de passagens e entradas, onde muitas vezes se encontravam as *hekataia*, (VARELA, 2015, p. 12).

Esse domínio de “protetora da cidade” não é um domínio exclusivo de Hécate. Estas honras são relacionadas à Hécate, porém as deusas reconhecidas por este domínio são Athena e Hera. Podemos notar aqui que o que se diz na *Theogonia*, que a deusa tem um lote nas honras de outros deuses (versos 420- 425).

Na Ilha de Egéias Carnevale apresenta Pausânias, que traz relatos de que havia anualmente um rito do culto de mistérios de Hécate no século II dEC. Também são citados pelo autor um santuário, um templo e um Hekateion, estátua atribuída à deusa que era encontrada na antiguidade.

O culto à deusa nesta ilha é apontado pelo geógrafo Pausânias com a celebração anual dos ritos de mistério de *Hekate*. Dentro de um santuário há um templo com uma estátua de madeira da deusa com um rosto e uma face, Myron a esculpiu em 460 a.C. poucas décadas antes da escultura de Alkamenes (Pausânias, *Descrição da Grécia*, 2.30.2). Porém não há evidências arqueológicas anteriores ao domínio romano que comprovem ali um culto à deusa (CARNEVALE, 2012, p. 61).

Mesmo sem uma evidência, o importante testemunho de Pausânias não pode ser desconsiderado. O relato do geógrafo já é um testemunho importante para sabermos que mesmo sem deixar rastros, existiam cultos variados à deusa por toda a Grécia.

Na Samotracia no século VI aec, Carnevale nos relata que a deusa participava de um culto de mistérios e recebia oferendas dedicadas a ela.

A deusa Hekate participa do culto de mistérios no santuário dos Grandes Deuses. No sexto século a.C. Hekate recebia suas oferendas num altar de pedra dedicado a ela. Este santuário só fez crescer a partir do V a.C. e no período helenístico (CARNEVALE, 2012, p. 61).

A deusa estar presente nesse “santuário dos grandes deuses” já nos diz sobre qual era a sua relevância para aquela sociedade. Se existiam oferendas dedicadas a ela podemos supor que as pessoas tinham fé que a deusa poderia ajudá-los com suas questões ou em relação à sua proteção. O relato nos revela que a deusa possuía

importância, mesmo que não nos tenha ficado grandes registros de suas participações em cultos dela ou de outros deuses.

Na Trácia, século VI aec, de acordo com Carnevale existia uma deusa chamada Bendis. Esta deusa possuía vários atributos que lembravam a junção das deusas Hécate com a deusa Ártemis. Bendis possuía um culto na cidade e era venerada. Rubert Von Rudloff acredita que Bendis foi a partir do século IV a.C. absorvida por Hekate na Tessália e por Ártemis em Atenas (RUDLOFF, op. cit., p. 47 apud CARNEVALE, 2012, p. 63).

Em Argos o autor trabalhado por Carnevale nos revelam uma possibilidade real de um templo dedicado a figura da deusa Hécate.

Em Argos, afirma Rudloff, é o mais perto que chegaremos de um templo de *Hekate* que tem a real possibilidade de pertencer ao período Clássico, situado de frente santuário da deusa cretense *Eileithyia*. Este santuário, de acordo com Pausânias, foi dedicado por Helena de Esparta ao nascimento de sua filha Ifigênia adotada por Clitemnestra (RUDLOFF, 1999 op. cit., p. 40 apud CARNEVALE, 2012, p. 62).

A associação de Hécate com a Frígia no século V aec segundo Carnevale é bem fragio. Se dá graças a associação que Hécate possuía com Cibele que era a Grande Deusa Mãe da Frígia. Essa associação de Hécate com a grande mãe não foi considerada por muito tempo pelos devotos da deusa.

Rudloff atesta que *Hekate* tem uma frágil conexão com a Frígia, observada através da similitude de nomes: *Hekate/Hekabe* (filha do rei Dymas da Frígia e esposa do rei Príamo de Tróia) e fragmentos de dramaturgias de *Euripides* (NAUCK, frag. 968) e *Aristófanes* (KOCK, frag. 594) demonstrando que Cassandra profetisa por Apolo que *Hekabe* seria transformada em um cão perante a estátua de *Hekate* (RUDLOFF, 1999 op. cit., p. 53-6 apud CARNEVALE, 2012, p. 63).

Carnevale também nos diz que pequenas variações do nome podem trazer associações que não existem (CARNEVALE, 2012, p. 65). Visto isso essa associação envolvendo apenas o nome é um tanto vaga. Inclusive, em cultos modernos essa vaga associação persiste. Consideramos algo bem distante da real figura que a deusa nos apresenta nos documentos e patrimônios materiais que vieram da antiguidade. Hécate não tem filhos, a ligação que a deusa nos apresenta com uma figura materna se encontra no *Hino Homérico à Deméter* quando a deusa está ligada a Deméter, mãe de Perséfone e personificação de uma figura materna.

Jônia e Ilhas Egeias, na Ásia menor século V aec possui evidências arqueológicas da presença da deusa. Carnevale nos traz alguns autores falando sobre

algumas associações a deuses que Hécate possuía. Nos é revelado que a deusa possuía associações com Ártemis, Apolo e Leto (Ibidem, p.49 apud CARNEVALE 2012 p,103).

Nessa documentação reunida por Trícia Magalhães Carnevale podemos notar vestígios da deusa do século VIII aec ao II dec. Notamos a presença de Hécate em diversos contextos e imaginários que à apresentam de determinada maneira. Possuindo ou não um Culto próprio, a deusa se encontra ao lado de importantes deuses. Em seus cultos, ou nos que ela estava envolvida, notamos alguns elementos e símbolos atrelados a ela.

Um elemento da cultura material são as estatuas deixadas para homenagear ou cultuar deuses. Dentre elas temos as estatuas dedicadas à Hécate denominadas *Hekataia* ou *Hekateion*. De acordo com Varela Hekataia eram estatuas ou santuários de Hécate que estavam presentes principalmente em encruzilhadas ou na porta das casas (VARELA, 2015, p.5). Carnevale nos expõe que essas estatuas eram colocadas do lado de fora das casas com o objetivo de proteger as entradas contra a passagem do mal (CARNEVALE, 2012, p,103).

Estas estatuas também eram encontradas em encruzilhadas, lugar onde os atenienses cotidianamente praticavam rituais.

A relevância dos rituais para os atenienses pode ser observada em seu cotidiano e em diferentes lugares, como por exemplo: seu lar, santuários públicos, templos dos deuses, na Ágora ateniense, nas encruzilhadas, na vida pública (CARNEVALE, 2012, p. 110).

As estatuas eram colocadas em encruzilhadas, lugar associado à deusa por alguns fatores. A estátua é geralmente representada tricéfala ou com três corpos, cada corpo é voltado a uma direção, nela estão localizados alguns objetos que se ligam à deusa. Em primeiro lugar em algumas representações a deusa carrega tochas não mãos. A presença das tochas, que também se dá na literatura, se faz presente na cultura material através da Hekataia. á deusa por vezes é representada portando esse símbolo. As tochas teriam a função de iluminar os caminhos e proteger as pessoas.

Outra diferença consiste na diferença das evidências: a *Propolos* se localiza na literatura e a *Propylaia* tem relação com artefatos físicos: como pequenas esculturas e entradas de santuários, como a estatueta de Alakamenes (CARNEVALE, 2012, p. 40).

Os archotes são um símbolo muito atrelado a figura da deusa tanto no hino quanto em suas representações iconográficas. Muitos autores falam sobre o significado deste símbolo de várias maneiras, uma delas é atrelada aos Mistérios Elêusis, onde há registro dessas tochas na procissão. “Mas, quando no décimo dia surgiu radiosa aurora (*Hino Homérico à Deméter*. v. 51-52).

De acordo com a autora Joana Vieira Varela em *Hécate: um estudo inicial* as tochas podem estar representando a deusa como guia. Ela deixa claro em seu trabalho que as tochas podem representar a deusa como guia de almas, iluminadora de caminhos e uma deusa que traz a luz do discernimento. Jenny Strauss Clay¹⁰ diz que há uma necessidade prática nas tochas já que Deméter vaga por nove dias e nove noites em busca de Perséfone. A necessidade prática das tochas é algo perfeitamente coerente na hora de analisarmos a situação, entretanto isso não anula o fato de que pode haver um simbolismo por trás dessa necessidade. Quando Deméter se depara com Hécate no décimo dia e é descrito que Hécate estava com as tochas nas mãos está de dia e não há motivos aparentes para a praticidade das tochas. Para a deusa Hécate não era uma necessidade prática nesse momento, nesse caso é simbólico. Outras autoras como Trícia Magalhães Carnevale¹¹ também falam sobre a representação do fogo nas tochas que era ligado à purificação e higiene. Esta característica também pode ligar a deusa aos nascimentos.

As tochas podem representar essa luz do conhecimento e discernimento, pois quando a deusa aparece para guiar Deméter até Hélio para trazer a resposta para suas lamentações. As tochas reforçam a característica de guia que a deusa mostra em suas aparições na obra.

Hekate's role of light-bringer or torch-bearer is thus both literal and figurative; she is explicitly referred to as "bringer of light" (Damiani, 1998, p. 94). She not only brings light in the form of burning torches but also the light of knowledge or insight (...) Her torches can be viewed as "the spark guiding an idea, evoking its own luminescence and insight" (FEATHER, 2009, p. 59 *apud* NIXON, 2013, p. 8).

¹⁰ The Hécate of the Theogony 1983

¹¹ Hekate, de deusa dos atenienses do período clássico à deusa da feitiçaria no imaginário social do ocidente.

Essa luz do conhecimento que a autora se refere pode ser associada ao mito de *Prometeu*. Quando Prometeu leva o fogo aos homens esse fogo é entendido da mesma maneira.

Outro símbolo que se encontrava presente nas representações da Hekateion são as chaves que por vezes também estão presente nas mãos de uma das facetas da deusa na estátua. As chaves estão presente no *Hino Órfico* à deusa é também na procissão em Lagina sendo um dos símbolos bastante ligados à deusa. No *Hino Órfico* a deusa tem a chave de todas as camadas do cosmos, já na procissão a chave tinha um sentido mais ligado aos portões da terra e do submundo, e da cidade e casas onde se encontrava uma estátua da deusa.

A chave do Kleidos Pompe, de acordo com o arqueólogo Bilal Söğüt (2005) da Universidade de Pamukkale, pertencia ao Mundo Subterrâneo, indicando assim que a deusa Hekate guardava entrada do Mundo dos Mortos (CARNEVALE, 2012, p.129)

Em algumas representações das estátuas da deusa, dois animais aparecem, são eles os cães e as cobras. De acordo com Varela o cachorro era um animal que comia as oferendas deixadas nas encruzilhadas, porém ele também era uma oferenda à deusa sendo os filhotes pretos sacrificados em sua honra. A autora nos revela que as oferendas eram feitas em noites de lua cheia ou crescente e diversos alimentos e objetos poderiam ser oferecidos, entre eles um cão, especialmente preto (Varela, 2015.p,16)

Cães – É o animal mais associado à *Hekate*. Rudloff aponta para duas referências explícitas do período Clássico que relacionam a deusa e os cães (...)os cães, em geral, tinham reputação negativa na literatura grega pelo seu comportamento desavergonhado e por vezes impedidos de entrar em santuários por serem impuros, inclusive o termo cadela tinha o mesmo sentido pejorativo que há hoje para descrever mulheres. (...). De acordo com Rudloff 142, os cães tinham uma boa reputação como guardiões e caçadores, e quando associados à Ártemis, Asclépio e Apolo (CARNEVALE, 2012, p. 48).

Um cão associado à deusa é o que habita o submundo e protege suas passagens, Cérbero. Pensar em uma figura tricéfala que cuida dos portões do submundo é fazer uma associação de Hécate e o animal. Carnevale nos diz que que Cérbero é a figura que mais relaciona a deusa com os cães em evidência imagética (CARNEVALE, 2012, p. 49).

Os cães simbolizam igualmente Hécate, a lua negra, a lua “devorada”, algumas vezes representada, como Cérbero, sob a forma de um cão tricéfalo (DURAND, 2012, p. 86).

O segundo animal que aparece em algumas estatuas são as serpentes. Apesar deste animal ser raramente associado à deusa, podemos notar que essa associação deixar ainda mais claro que Hécate era uma deusa com um amplo acesso ao submundo e com domínios estabelecidos nessa camada do cosmo.

Carnevale associa a imagem da serpente a funções Ctônicas de Hécate pois as cobras são animais associados com a morte.

A cobra é o animal mais comum associado à morte. Burkert afirma que os gregos associavam a cobra à morte pela aparência da coluna vertebral ao animal, assim, depois de morto o indivíduo poderia fazer aparições com a aparência de uma cobra, pois sua coluna se transformara em uma cobra (CARNEVALE, 2012, p.50).

Podemos notar que essa associação com a morte se associa com os mistérios em que a deusa se insere. Nos Mistérios Elêusis a deusa está ligada a vida, morte e renascimento. Vemos em outros autores que falam sobre a importância simbólica atrelada ao animal que a serpente pode representar esses três estados. Gilbert Durand em seu livro, *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, é um dos estudiosos que nos dá um panorama dos símbolos do animal. Em sua obra o autor fala em vários momentos sobre o significado desse símbolo, nos dizendo que a serpente possui diversos significados diferentes.

A serpente é um dos símbolos mais importantes da imaginação humana. Nos climas em que este réptil não existe é difícil para o inconsciente encontrar-lhe um substituto tão válido, tão cheio de variadas direções simbólicas. A mitologia universal põe em relevo a tenacidade e a polivalência do simbolismo ofídico. No Ocidente existem hoje sequelas do culto do animal lunar: na muralha de Luco é, nos nossos dias, uma "Madone delle Grazie" que brinca com a serpente, e em Bolsene o dia de Santa Cristina é a festa das serpentes". Parece que a serpente, "sujeito animal do verbo enlaçar", como diz finamente Bachelard", é um verdadeiro nó-de-víboras arquetipológico e desliza para demasiadas significações diferentes, mesmo contraditórias. Todavia, pensamos que esta pletórica mitologia se ordena em três rubricas que se classificam muito bem na constelação agrolunar. A serpente é o triplo símbolo da transformação temporal, da fecundidade e, por fim, da perenidade ancestral (DURAND, 1960, p. 316)

Assim como a deusa a serpente tem um simbolismo que engloba as três camadas do cosmos. Durand ainda diz que a serpente é um símbolo lunar, pois pode ser considerada uma duplicação da lua, pois ela aparece e desaparece junto com o astro. O animal terrestre, "animal que desaparece com facilidade nas fendas do solo,

que desce aos infernos, e pela muda regenera-se a si mesmo” (DURAND, 1960, p.136).

Joseph Campbell, em seu livro *o poder do mito* nos traz mais um pouco da associação do réptil com a vida e a morte.

A mulher traz a vida ao mundo. Eva é a mãe deste mundo temporal. Anteriormente, você tinha um paraíso de sonho, ali no jardim do Éden sem tempo, sem nascimento, sem morte, sem vida. A serpente, que morre e ressuscita, largando a pele para renovar a vida, é o senhor da árvore primordial, onde tempo e eternidade se reúnem. A serpente, na verdade, é o primeiro deus do jardim do Éden. Jeová, o que caminha por ali no frescor da tarde, é apenas um visitante. O Jardim é o lugar da serpente. Esta é uma velha, velha história. Existem sinetes sumerianos, que remontam a 3500 a.C., mostrando a serpente, a árvore e a deusa, e está oferecendo o fruto da vida ao visitante masculino. A velha mitologia da deusa está toda aí (CAMPBELL, 1991, p. 57).

Notamos que não seria apenas na mitologia grega que o réptil teria essa associação com a vida e a morte, Campbell pontua que na mitologia judaico cristã a serpente seria o senhor da árvore primordial onde de acordo com o autor o tempo e a eternidade se reúnem.

O simbolismo da transformação temporal é ele próprio sobre determinado no réptil. Este último é ao mesmo tempo animal de muda, que muda de pele permanecendo ele mesmo, e liga-se por isso aos diferentes símbolos teriomórficos do Bestiário lunar, mas é igualmente para a consciência mítica o grande símbolo do ciclo temporal, o ouroboros. A serpente é, para a maior parte das culturas", a duplicação animal da lua, porque desaparece e reaparece ao mesmo ritmo que o astro e teria tantos anéis quantos dias tem a luação. Por outro lado, a serpente é um animal que desaparece com facilidade nas fendas do solo, que desce aos infernos, e pela muda regenera-se a si mesmo. Bachelard liga esta faculdade de regenereseênea do “animal metamorfose”, esta faculdade tão notável de “arranjar uma pele nova”, ao esquema do ouroboros, da serpente enrolada comendo-se indefinidamente a si própria (DURAND, 1960, p.316).

Quando é dito que o réptil desce aos infernos, de maneira simbólica, podemos notar esta associação com o submundo que o animal possui. Durand chega a citar brevemente seu livro que havia “uma união mística com a serpente ocupava o centro do rito dos mistérios de Elêusis e da Grande Mãe” (DURAND, 1960, p. 319). A grande mãe mencionada é Deméter, figura da mãe nos Mistérios Elêusis e ligada à deusa Hécate pelos Mistérios.

Podemos ver dentro dessas associações apresentadas que as serpentes e a deusa possuem uma vasta semelhança em suas associações. Sua presença em algumas representações materiais da deusa.

Ordep Serra no texto que escreve sobre os *Hinos Órficos* diz que a representação dos *Hinos Órficos* como os primeiros da coletânea, fazendo com que eles representem o mesmo que um Hekateion.

Hécate era uma deusa de limiares e vestíbulos (Sua imagem, muitas vezes triface, era geralmente colocada na entrada de templos, de edificações importantes, ou mesmo de residências. Em suma, o *Hino Órfico 1* tem o valor de um bekátaion, ou seja, de uma dessas estátuas (ou capelas) dedicadas à deusa tremenda que tinha o domínio das vias, das passagens e dos pórticos (SERRA, 2015, p. 328).

é como se o hino, por ser o primeiro, abençoasse e protegesse o aedo e as outras pessoas presentes na cerimônia. Pelos Hekateions estarem na entrada da casa eles, no imaginário da época, fechavam a casa para o negativo e abriam suas portas para o positivo. Dentro dos hinos órficos, o hino a Hécate de acordo com o autor tem a mesma função.

2.3 Culto de mistério e a iniciação

Os cultos de mistério eram cerimônias iniciáticas que existiam na antiguidade e se mantinham secretas para quem não fazia parte delas, de acordo com Marília da Rocha Marques e João Marcos Alves Marques os mistérios exigiam dos interessados a superação de desafios como uma forma de associar-se ao grupo (MARQUES, MARQUES. 2015, p. 170).

São cultos de caráter esotérico, de maneira que mantem-se ocultos e reservados. Partes das cerimônias são inacessíveis á aqueles que não alcançaram um grau específico de iniciação, nesse sentido grande parte dos cultos de mistérios não possuía uma dimensão pública e aberta (MARQUES, MARQUES, 2015, p. 170)

Existiam vários cultos exotéricos na antiguidade, alguns faziam parte da religião cívica, outros eram secretos e seus segredos não poderiam ser revelados. Esses cultos davam a seus fiéis a promessa de uma vida após a morte mais afortunada do que foi a vida que eles tinham.

(...) é possível observar que talvez outro fator de diferenciação e de possível popularidade desses cultos, seria essa experiência com os sentimentos humanos experimentadas pelos deuses, que em suas vivências também sofreram, passaram por momentos de tribulações e provações e alguns até de morte, mas que foram recompensados posteriormente com uma ressurreição e nesse sentido talvez a história da divindade, e sua associação com os dramas de morte e ressurreição possam ter sido encarados como respostas as necessidades práticas do cotidiano, até mesmo de uma possível promessa pós vida. Assim, a existência além-túmulo não aparecia mais ao indivíduo como uma continuação menos brilhante da vida terrestre, mas sim com um momento de redenção de todos os infortúnios aos quais ele poderia ser submetido. Então, o cidadão seja ele grego ou romano, ao integrar um culto, estava proporcionando uma resposta à sua necessidade de sobrepujar a angústia diante da morte Marques (MARQUES, MARQUES, 2015, p. 171).

Nos mistérios era comum o hábito dos fiéis voltada a práticas votivas. Quando um fiel estava em um momento difícil em relação a circunstâncias diversas ou em caso de doença ele recorria ao deus ou à deusa. Marília da Rocha Marques e João Marcos Alves Marques ainda nos dizem que a prática votiva é uma estratégia humana para enfrentar o futuro (MARQUES, MARQUES, 2015, p. 172).

(...) numa situação de crise que o incapacita, o indivíduo pode se erguer para imprimir aquilo que o aflige e através de um ato de fé pedir aos deuses que atuem diretamente naquilo que lhes é pedido. Os objetos votivos, por mais humildes que sejam, constituem a prova de uma fé pessoal num deus em particular, que, em troca, oferece alguma forma de auxílio ou salvação, deve-se ter em mente que a religião votiva tem um caráter bastante experimental, atuando como uma forma suplementar de expressão de devoção religiosa, e não possui uma ideia excludente para com os outros deuses (MARQUES, MARQUES, 2015, p. 172).

Entre esses mistérios que faziam parte do cotidiano da sociedade vamos falar mais sobre os Elêusis, pois era onde Hécate também era venerada ao lado de Deméter e Perséfone.

Os Mistérios Elêusis garantiam uma perspectiva melhor após a morte. Para os iniciados fazerem parte dos mistérios eles precisavam passar por uma série de etapas indo dos *pequenos mistérios de Ágra* até os *grandes mistérios de Elêusis*. Existia uma procissão da cidade de Atenas até a cidade de Elêusis.

(...)todo o cerimonial na própria Atenas, em Falero para o banho ritual no mar, e na estrada pela qual seguia de Atenas a Elêusis a imensa procissão que reunia, atrás dos objetos sagrados, o clero eleusino, os

magistrados de Atenas, os mistes, as delegações estrangeiras e a multidão dos espectadores, desenvolvia-se à luz do dia, aos olhos de todos (VERNANT, 2006, p.72).

Os segredos do culto não poderiam ser revelados, até os dias de hoje não sabemos qual era a sua natureza. Estima-se que existiam penalidades para quem não mantesse segredo, porém não sabemos quais eram elas, ou se essas penalidades realmente existiram.

Esses mistérios eram organizados pela *polis* de Atenas e supervisionados pelo *archon basileus*, o “rei”. Para os atenienses, tais eram os Mistérios *toutcourt*, e foi em larga medida o prestígio literário de Atenas que lhes assegurou fama duradoura. Além da literatura e da iconografia, as inscrições e escavações oferecem uma vasta documentação. O famoso mito apresenta Deméter à procura de Cora, que havia sido levada por Hades, o deus do reino dos mortos. Cora acaba voltando, mas por um período limitado, à própria região de Elêusis. Lá os atenienses celebravam a grande festa do outono, os *Mysteria*; (BURKET, 1998, p. 17).

Pouco temos sobre as procissões, temos menos ainda sobre as iniciações. O que temos é que a procissão saía de Athenas e ia para a cidade de Elêusis e lá acontecia uma comemoração.

O famoso mito apresenta Deméter à procura de Cora, que havia sido levada por Hades, o deus do reino dos mortos. Cora acaba voltando, mas por um período limitado, à própria região de Elêusis. Lá os atenienses celebravam a grande festa do outono, os *Mysteria*; a procissão saía de Atenas para Elêusis, culminando numa comemoração noturna no Salão das Iniciações, o Telesterion, com capacidade para abrigar milhares de iniciados, onde o hierofante revelava “as coisas sagradas”. Foram duas dádivas, dizia o povo, que Deméter concedeu em Elêusis: o cereal como base da vida civilizada e os mistérios que ofereciam a promessa de “melhores esperanças” para uma vida feliz no além. Esses mistérios ocorriam exclusivamente em Elêusis, e em nenhum outro lugar (BURKET, 1998, p.17).

A deusa Hécate nos mistérios Elêusis era ligada aos iniciados por sua atribuição *Kourotrothos*, essa é a característica protetora de jovens e se liga aos iniciáticos. Nos Hinos Órficos a deusa também possui a mesma representação, o hino em si já representa uma iniciação ao orfismo. Alguns estudiosos chegam a dizer que o *Hino Órfico* tem o mesmo significado de um *Hekateion*¹² ou *Hekataia*. As estátuas de Hécate são figuras estudadas no patrimônio material grego.

¹² De acordo com Ordep Serra um *Hekateion* ou *Hekataia* seria uma estátua (ou capela) dedicada à deusa Hécate, possuidora do domínio das vias, e dos pórticos (SERRA 2015, p. 328).

2.4 Hécate como Kourotrophos

Κουροτρόφος, possui origem em um universo androcêntrico, com o tempo a palavra foi estendida para o gênero feminino.

na Grécia antiga era a atribuição que as divindades recebiam quando tinham *timaí* relacionadas à proteção de jovens. Ordep Serra quando fala do hino de Hécate nos *Hinos Órficos* diz, (...)Hécate é uma deusa *kourotrophos*, ou seja, uma divindade que faz crescer e leva à adolescência as crianças: uma nutriz dos jovens.

A deusa recebe essa atribuição na *Theogonia*, no Hino a Deméter e nos hinos órficos, obras que trabalhamos para entender a visão do homem grego em relação deusa. Na *Theogonia*, verso 450 ao 452 podemos ver que Zeus faz da deusa Hécate nutriz de jovens. Na obra a deusa recebe diversas honras e domínios desde o regime dos Titãs do qual a deusa fazia parte, essa atribuição Kourotrophos κουροτρόφος ser atribuída pelo próprio Zeus Crônida

Desde cedo, na *Teogonia*, *Hekate* rege o nascimento e segundo Rudloff esse, assim como a educação das crianças e a morte são assuntos importantes para qualquer sociedade humana, e *Hekate* relaciona-se aos três temas (CARNEVALE, 2012, p.42).

A deusa domina tanto relações de nascimento e vida quanto morte, assim está presente em todos os momentos da vida desse jovem. Durante a vida infantil, à deusa estaria ajudando e protegendo a criança, na vida adulta Hécate leva a sabedoria e discernimento com suas tochas, na vida idosa a deusa tanto ajuda a passar o conhecimento aos mais jovens quanto ajuda na passagem encaminhando a alma pelos caminhos do Hades.

No *Hino Homérico à Deméter*, Hécate recebe a atribuição κουροτρόφος ao final da narrativa mítica, quando Perséfone volta para os braços de Deméter e a deusa chega para comemorar com as duas.

Assim, o dia inteiro, mãe e filha, mantendo o ânimo concorde, alegravam completamente o coração e o ânimo uma da outra, cercado-se de afeto, e o ânimo delas parou de doer, pois recebiam e davam, uma para outra, grandes alegrias. Perto delas veio Hécate de clara mantilha, e cercou a filha da pura Deméter de muito afeto.

Desde então essa senhora se fez sua servidora e companheira (HOMERO, HINO HOMÉRICO, V 435-440).

Quando o Aedo diz, que Hécate se fez companheira de Perséfone quer dizer que ela a partir desse momento acompanhou a deusa para o submundo e depois de volta para a terra.

Hécate, véu brilhante, a elas veio, e fez
Carinhos mil à filha da sacrossanta Deméter;ⁱ
Desde então esta soberana a segue - e também precede
(HOMERO, HINO HOMÉRICO, V 438- 440).

Nesta outra tradução podemos ver certa diferença na construção da figura *kourotrophos* da deusa. Além de prestar auxílio a Perséfone, Hécate passa a acompanhar a deusa jovem pelos caminhos obscuros. Essa passagem do hino homérico além de dar a entender que a deusa é *kourotrophos* ainda a estabelece como psicopompo.

Nos *Hinos Órficos* a deusa é mencionada nutriz no oitavo verso. Estima-se que os *Hinos Órficos* tenham tido uma influência da *Theogonia*, a deusa não perde atribuições theogônicas nos Hinos Órficos, pelo contrário, a ela são destinadas mais atribuições.

As West notes, Hecate does not appear to render any special service to Zeus, yet she not only retains her prerogatives from the old order, but is accorded the additional title of *kourotrophos*. Indeed, the text emphasizes repeatedly that it is Zeus, who honors her-and not the other way around. Zeus, in fact, almost seems to court Hecate's favor. He must in some sense recognize the importance and utility of maintaining Hecate's functions and *timai* under his new regime (CLAY, 1984, p.32).

Os hinos órficos receberam bastante a influência da *Theogonia* assim mantendo a atribuição que existia ali e aplicando as outras que a deusa recebe com o tempo.

Em nenhuma das obras essa *timai* está relacionada a uma característica materna em relação a Hécate. Quando se pensa em nutriz podemos visualizar uma deusa maternal que chega a nutrir os bebês, porém Hécate não recebe essa atribuição com esse objetivo. A deusa maternal que mais está relacionada à Hécate e se encaixa nessa visão de nutrir é Deméter. Vemos no *Hino Homérico à Deméter* que a deusa, após a perda de sua filha nutre o filho de Celeu.

Dito isso, chegou ao seio fragrante seu a criança,
Tomando-a nos braços divos, e muito a mãe se alegrou.
O filho do bravo Celeu, o esplêndido Demofonte,
Nascido de Metanira de bela cinta, pôs-se

A deusa a criar no paço, tal qual um deus, crescia
O infante sem leite de mãe, sem trigo provar, Deméter
Untava-o bem de ambrosia, qual fosse progênie de deus,
E junto ao seio, suave, seu hálito lhe insuflava,
E à noite, no fogo como um tição o guardava,
Às escondidas dos pais, que muito se maravilhavam
De vê-lo crescer precoce, com a aparência de um deus
(HOMERO, HINO HOMÉRICO, v. 231- 241).

No hino, Deméter nutri Demofonte com ambrosia para que ele cresça forte e divino como um deus. Quando pensamos em nutriz podemos pensar em uma deusa como Deméter, porém, Hécate se difere dessas características. Já foi dito que a deusa divide essa *timái* com outras divindades, e um deles é Zeus. Deméter é maternal, porém Hécate e Zeus não são. Se tratando desses deuses, quando à eles é dedicada a *timái kourotrothos*, podemos perceber que eles são divindades que assistem aos jovens para que eles possam chegar à idade adulta. Hécate não é mãe, a deusa se encontra presente nas fases de transições femininas da jovem à anciã então é perfeitamente possível que a deusa assista aos jovens para permitir que eles cheguem a cada uma dessas transições. Mesmo estando próxima as figuras maternas a deusa em relação as crianças seriam mais próxima de uma cuidadora, ama ou até mesmo uma preceptora.

As três obras nos mostram a deusa com algumas características semelhantes que não se perderam com o tempo. Essas características permaneceram e se ampliaram. Nos mostra que Hécate mesmo não sendo a maior deusa, não tendo domínios próprios e não protagonizando o próprio mito tinha sua importância dentro do imaginário do homem. Importância essa que por vezes permanece até os dias atuais nas novas crenças que surgiram.

CONCLUSÃO

As mudanças nas representações da deusa Hécate são notáveis quando analisamos as três obras. A deusa vai de benévola capaz de transitar nas três camadas do cosmo e dividindo honras com grandes divindades; à deusa com domínios sombrios, associada a divindades ctônicas e cultuada em cultos de mistério. O imaginário do século VIII ao imaginário existente no período Romano Imperial a deusa passa por uma forte mudança.

Na *Theogonia* Hécate sequer é mencionada no submundo, porém notamos na obra que o rapto já havia acontecido no verso 912 ao 914. Sendo assim a deusa Hécate já estaria sendo encarregada de levar Perséfone pelos caminhos do submundo. Ainda assim Hesíodo não atribui menções de caráter negativo a deusa, pelo contrário, a ela são atribuídos e partilhados domínios que a tornam poderosa e benévola com os homens. O mais perto que a deusa chega de ser mencionada no submundo é quando se diz que ela é capaz de ir até lá. Ainda assim não há menção da deusa nesse domínio.

A obra possui um enredo principal onde é narrada a genealogia dos deuses, porém em determinado momento, mais ou menos ao centro da narrativa essa história principal, e a genealogia, são cortados onde se inicia que pesquisadores intitulam de o *Hino a Hécate*. A obra não chega a citar a deusa em outros momentos. O hino é central a narrativa, é não se associa a nenhum culto, porém não deixa de fazer parte de uma crença. Na *Theogonia* a deusa é apresentada com ligações por todas as camadas do cosmo, nutris, independente e com fies que a dedicavam abastadas oferendas. A deusa é venerada por Zeus tendo tanto os domínios da ordem anterior dos titãs quanto recebendo mais na ordem de Zeus. Hesíodo muito provavelmente assegura essas *timaí* para Hécate porque ele pode ter pertencido a uma família que praticava o culto da deusa. Como vimos em Clay (1984, p. 28).

No *Hino Homérico à Deméter* é a única obra onde vemos a deusa interagindo com outras divindades. Isso acontece quando ela vai em auxílio de Deméter e quando ela aparece para comemorar a volta de Perséfone. Mesmo assim suas aparições são coadjuvantes e suas menções são pequenas. A parte mais interessante da aparição

da deusa e que ao final ela é mencionada como ctônica. Hécate recebe essa atribuição graças a necessidade de Perséfone em ir e voltar do mundo dos mortos. Essa obra marca certa transição na imagem da deusa. Antes Hécate, mesmo podendo ter acesso ao mundo dos mortos, não era vista lá, conseqüentemente não tinha atribuições negativas ao ponto de deixar de ser uma deusa benévola. A partir dessa obra vemos que isso muda tanto na presença da deusa no submundo quanto o aedo a deixa responsável por acompanhar Perséfone. Hécate recebe a ligação com o submundo graças a uma necessidade de Perséfone.

O Hino a Deméter, diferente da *Theogonia* se insere ao culto de mistérios Elêusis. As deusas que o protagonizavam tanto o culto quanto o hino eram Deméter e Perséfone. Hécate estava inserida na história como Guia, Nutriz, porta tochas e intermediária. Mesmo com uma breve participação a deusa é de grande ajuda para a trama. Outro deus não iria contra a vontade de Zeus, ela foi a única que ouviu Perséfone e vai ao encontro de Deméter.

Nos *Hinos Órficos* podemos ver as mudanças da imagem deusa em comparação com a *Theogonia*. No hino notamos que Hécate ainda possui honras como Intermediária e Porta archotes. Porém o aedo dedica a deusa atribuições inéditas que podem classificá-la como uma divindade de caráter negativo e marginalizada perante a sociedade da época. O hino de Hécate na obra é o primeiro hino da coletânea, podemos considerar a função do hino a mesma de uma Hekataia, estatua que se encontrava nas encruzilhadas, que guardava portões de Lagina, as portas das casas na Grécia e em Roma. O objetivo das estatuas era proteger as entradas do mau exterior e abrir as portas para a prosperidade. Podemos associar isso diretamente ao culto onde a deusa além de proteger a cerimônia e seus fiéis pode se relacionar aos iniciados.

A Hécate de Hesíodo é benévola e diplomática, no *Hino Homérico a Deméter* a deusa já é introduzida na história como uma personagem coadjuvante que recebe suas *timai* ao longo da obra. Nos *Hinos Órficos* a deusa volta como poderosa, porém seu poder está atrelado a atribuições que o imaginário do período arcaico considerava negativo.

Notamos que a deusa possui atribuições compartilhadas e mantém uma relação com as camadas do cosmos em cada uma delas. A deusa se relaciona a Zeus na *Theogonia*, deus ligado a camada celeste do cosmo. Sua ligação com a camada celeste se perde com o tempo pois ela vai de Zeus a Hélio, na transição da *Theogonia*

ao *Hino Homérico à Deméter* e de Hélio para Hermes do *Hino Homérico à Deméter* aos *Hinos Órficos*. Ainda assim porque Hermes é uma divindade psicopompa e intermediária assim como a deusa.

Seu domínio na terra podemos associar a sua relação com a deusa Deméter que se mantém graças aos Mistérios Elêusis que mantem a deusa indo e vindo junto a Perséfone para a terra do submundo.

Sua ligação com o submundo, no entanto não se perde e nem se estabiliza, ela se fortifica com o perpassar do imaginário. Isso pode ser visto nos Hinos Órficos quando a deusa é associada a criaturas e símbolos relacionadas ao mundo inferior.

Hécate foi apresentada de uma perspectiva ampla com embasamento de diversas autoras e autores que nos apresentam uma análise diversificada da deusa tricéfala. Não podemos fornecer uma certeza do porquê essas características da deusa mudam de obra para obra, porém existem algumas possibilidades como: Aumento da concentração do poder do “paterfamilia”, as mulheres terem sido associadas a magia, essa associação com a magia seria em razão de uma demonização do feminino? Essas são questões para as quais não possuímos respostas, no entanto esperamos conseguir chegar a alguma conclusão futuramente.

A deusa pode sim ter tido importância no período arcaico e a obra de Hesíodo pode nos trazer isso. Porém há uma grande possibilidade de Hesíodo, ou familiares próximos a ele, terem feito parte de um culto de Hécate.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Textuais

ARISTÓTELES. *POÉTICA*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. Tradução e notas de Ana Maria Valente.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses. Estudo e Tradução Jaa Torrano*. São Paulo: *Illuminuras*, 2007

HOMERO. *Hino Homérico, A Demeter*. Tradução de Ordep Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2009

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics & Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics & Companhia das Letras, 2011.

LUCIANO. *Dialogos com os mortos*. Tradução de Henrique G. Murachco. São Paulo: USP 1996.

SERRA, O. *HINOS ÓRFICOS: perfumes*. São Paulo: Odysseus Editora, 2015. (Kóuros)

Referências Bibliográficas

2010

ALBUQUERQUE, M. *O RAPTO DE PERSÉFONE, A BUSCA DE DEMÉTER, O INFORTÚNIO DE DEMOFONTE E OS MISTÉRIOS DE ELÊUSIS NA ÁTICA ARCAICA*. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. I Congresso internacional de religião, mito e magia no mundo antigo & IX Fórum de debates em história antiga. 2010.

ANAZ, L, AGUIAR, G, LEMOS, L, COSTA, N. F.E. *Noções do Imaginário: Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin*. São Paulo, 2014.

ANTUNES, P. B. *Hinos órficos: edição, estudo geral e comentários filológicos*. 578 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ANTUNES, P. B. *Vestígios de performance nos hinos órficos: tradução dos hinos 1, 2, 3, 4, 78, 85, 86 e 87*. Porto Alegre, n. 9, p. 59-72, 2015.

BOADO, C. C. *ZEUS, REI DOS CEOS. COSMOGONIA E TEOGONIA*. Revista Galega do Ensino, Santiago, n. 22, p. 91-106, fev. 1999.

BOCAYUVA, I. *O MITO DE PROMETEU E PANDORA E OS PRINCÍPIOS MASCULINO E FEMININO NOS PRIMÓRDIOS*. In: LEITE, Leni Ribeiro *et al.* Figurações do masculino e do feminino na Antiguidade. Vitória: PPGL, 2011. p. 52-59.

BOEDEKER, D. "Hecate: A Transfunctional Goddess in the Theogony?" *Transactions of the American Philological Association* (1974-), vol. 113, 1983, pp. 79–93. JSTOR, www.jstor.org/stable/284004. Accessed 19 May 2021

BORGES, A. C. S. *Afrodite e Artemis: uma dialética em Eurípedes*. Revista do Sell. vol.1, num. 1. Uberaba (MG): UFTM, 2008.

BRANCO, C B. *A morte como transformação*. São Paulo, 2002, 49p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*. vol.1, vozes Petrópolis,1986.

BURKERT, W. *Antigos Cultos de Mistérios*. São Paulo, 1992. Tradução: Denise Bottmann

CAIRNS, D. L. *Anger and the Veil in Ancient Greek Culture*. G&R, vol. 48, n. 1, 2001. pp. 18-32.

CAMPBELL, J. *O Poder do mito*. São Paulo, 1ªed - Editora Palas Athena, tradução Carlos Felipe Moisés. 1991

CANDIDO, M, R. *Os espaços sagrados da deusa Hécate Ctônia na Atenas Clássica 1*. I Colóquio Internacional de Estudos Greco-Latinos. Vitória, Espírito Santo, 2016.

CARNEVALE, T. M. *Hekate, de deusa dos atenienses do período clássico á deusa da feitiçaria no imaginário social do ocidente*. Universidade do estado do Rio de Janeiro, 2012.

CARNEVALE, T. M. *KATÁDESMOS: MAGIA E VINGANÇA DOS ATENIENSES ATRAVÉS DOS MORTOS*. In: CANDIDO, Maria Regina et al. *Vida, Morte e Magia no Mundo Antigo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nea/Uerj, 2008. p. 90-98.

CARVALHO, T. R. *Hécate, deusa da magia: Representação em Macheth*. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas defendida na USP, 2018.

CARVALHO, T. R. *Perséfone e Hécate: A representação das deusas na poesia grega arcaica*, Universidade de São Paulo, 2019.

CARVALHO, Thais Rocha. *O "Hino a Hécate" de Hesíodo*. *Codex - Revista de Estudos Clássicos*, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 132-140, 3 jul. 2020.

CHARTIER, R. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de

CLAY, J. S. "The Hecate of the Theogony". *GRBS*, vol 25, n 1. 1984, pp. 27-38.

CLAY, J. S. *Hesiod's Cosmos*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.

COELHO, G. H. de F. (2017). *A constituição das três gerações divinas na Teogonia de Hesíodo a partir da análise dos processos de geração, reprodução, incesto e parricídio entre os deuses*. *Revista Primordium*, 2(4). Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/primordium/article/view/42603>

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 4. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012.

EURÍPIDES. *Medeia*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira, Comentário de Otto Maria Carpeaux.

FIGUEIREDO, D., SILVA, S. C. *DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES NA ANTIGUIDADE E MEDIEVO*. Petrópolis, Editora Vozes, 2020

GONÇALVES, A. T. M.; VIEIRA NETO, I. *Religião e magia na Antiguidade Tardia: do helenismo ao neoplatonismo de Jâmblico de Cálcis*. Dimensões: Revista de História da Ufes, Goiás, v. 25, p. 4-17, out. 2010

GRAVES, R. *Os mitos gregos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

GRIMAL, P. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

HESÍODO. Teogonia, a origem dos Deuses. Tradução JAA Torrano. Versão bilíngüe. São Paulo: Iluminuras, 2006.

HIRATA, E. F. V. *Morte e vida na Grécia Antiga: olhares interdisciplinares*. Teresina: EDUFPI, 2020. 427 p.: il

Janeiro: Bertrand, 1990.

JOHNSTON, S. I. *Restless Dead: encounters between the living and the dead in ancient greece*. California: University Of California Press, 2013

KELLY, A. *Tradição na épica grega arcaica*. Letras Clássicas, [S.L.], n. 14, p. 3-20, dez. 2010. Universidade de Sao Paulo, Agência USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA).

KOCH, S.R. *Asclépio, o deus-herói da cura: seu culto e seus templos*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento 12: 51-55, 2011.

LARSON, Jennifer. *Understanding Greek Religion: a cognitive approach*. New York: Routledge, 2016.

LÓPEZ, M. I. R. *Iris, la mensajera de los dioses.: (estudio iconográfico de sus representaciones en el arte griego)*. Madrid, v. 14, p. 7-31, 2004.

MARQUES, J. M. A.; MARQUES, M. Rocha. *Cultos de Mistério na Antiguidade: Um olhar sobre os cultos secretos de Deméter e Isis*. História e Culturas: Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE, Ceará, v. 3, n. 5, p. 166-182, jun. 2015.

NIXON. S. M. *Hecate bringer of light*. Califórnia Institute of integral studies. São Francisco, Califórnia, 2013.

PALAVRO, B. *A THEOGONIA DE HESÍODO: traduzida & anotada pela mão de Bruno Palavro*. 133 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Licenciatura

em português e Grego, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2019

PALAVRO, B. *RASURAS POÉTICAS PARA A TEOGONIA DE HESÍODO*. Translatio. Porto Alegre, n. 18, 2020, p. 17-30

PETROPOULOS, I. *OS RESIDENTES DA VIA NEGATIVA: OS CÍCLOPES DE HOMERO E OS TUPINAMBÁS*. 2019.

QUINTELA, A. P. *As Artes de Prometeu*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009.

RIBEIRO, M. G. *As Faces e o significado arquetípico da deusa na vida e na arte*. Universidade Estadual da Paraíba, 2008.

RICHARDSON, N. J. *The Homeric Hymn to Demeter*. São Paulo. Editora Unesp, tradução Wilson Alves Ribeiro Jr.

RODRIGUES, M. H., GROppo, L. A. *Uma compreensão dos estudos de Joseph Campbell em mitologia comparada*. Brasília. Universitas Humanas. 2012

RONAN, S. *THE GODDESS HEKATE: studies in ancient pagan and christian religion & philosophy*. United Kingdom: Chthonios Books, 1992

ROSTOVITZ, M. *HISTÓRIA DAGRÉCIA*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

RUDLOFF, Robert Von. *Hekate in ancient greek religion*. Victoria: Horned Owl Press, 1999.

SANTORO, F. *O Catálogo das Nereidas: para uma arqueologia da idéia de categoria desde as formas homéricas de classificação*. Hypnos, São Paulo, v. 20, p. 96-107, 2008.

SANTOS, D. V. C. *Acerca do conceito de representação*. Goiânia. Universidade Federal de Goiás. Revista de Teoria da História Ano 3, N.6. 2011

SARIAN, H. *Artêmis e Hécate em Delos: Apontamentos de Iconografia religiosa*, Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 8,1998, p. 145*153-

SARIAN, H. *Da filologia à iconografia. A permanência do arcaico nas imagens tríplices de Hécate*. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. 13, 13/14, 2001, p. 101–107.

SARIAN, H. *Hécate Duplo de Artêmis: uma interpretação da cratera Ática de Toronto*, *Boletim do CPA*, Campinas, n. 04,1997, p. 15-22.

SERRA, O. *HINOS ÓRFICOS: perfumes*. São Paulo: Odysseus Editora, 2015. (Kóuros).

SHAKESPEARE, W. *Macbeth*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2005.

SILVA, C. R. C. *Magia Erótica e Arte Poética no Idílio 2 de Teócrito*. 2008. 343 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

SILVA, V. D. *A PARTILHA DO PODER E DO SABER ENTRE DEUSES E HOMENS NO PROMETEU ACORRENTADO DE ÉSQUILO*. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Licenciatura Plena em Letras, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2016.

SOTTOMAYOR, A, P, Q. *O FOGO DE PROMETEU*. Universidade de Coimbra. Humanitas – volume LIII, Coimbra, Portugal 2001.

SOUZA, C. D. *Morte e vida na Grécia Antiga: olhares interdisciplinares*, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Teresina: EDUFPI,2020. 427 p.: il.

SOUZA, J. M. R. *Homero sob o olhar crítico da tradição*, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018

SOUZA, P. R., ROCHA, S. A. (2009). *O TEATRO E A DEMOCRACIA NA GRÉCIA DO SÉCULO V A.C.: UM GÊNERO ARTÍSTICO A SERVIÇO DA ARISTOCRAICA NO PERÍODO CLÁSSICO*. Fênix - Revista De História E Estudos Culturais 6(3), 1-18 .Recuperado de <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/203>

TALALAY, Lauren E.. *A Feminist Boomerang: the great goddess of greek prehistory*. Gender & History, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 165-183, ago. 1994. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-0424.1994.tb00001.x>.

TONELLI, Angelo. *Eleusis e Orfismo. I misteri e la tradizione iniziatica greca*. Milão: Feltrinelli:2015.

TURKILSEN, D. *Medea, Cytissorus, Hekate, they all came from Aea*. Arnhem–Sydney: Arnhem (NI) Bronze Age, 2014. Cap. 5-6.

VARELA. J. V, *Hécate: Um Estudo Inicial* Dissertação de Mestrado em História defendida na Faculdade de Letras/Lisboa, 2015.

VERNANT, Jean-Pierre. *MITO E RELIGIÃO NA GRÉCIA ANTIGA*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2006. Tradução: Joana Angélica D'Avila Melo.

VERNANT, Jean-Pierre. *O homem grego*. Lisboa: Presença, 1994. Tradução de: Maria Jorge Vilarde Figueiredo.
